

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

BEATRIZ CRISTINA GONÇALVES

O Museu Virtual de Uberlândia e a relação entre museu e ensino de história (2015-2022)

UBERLÂNDIA

2022

BEATRIZ CRISTINA GONÇALVES

O Museu Virtual de Uberlândia e a relação entre museu e ensino (2015-2022)

Monografia apresentada aos Cursos de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História, sob orientação da Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos.

UBERLÂNDIA

2022

BEATRIZ CRISTINA GONÇALVES

O Museu Virtual de Uberlândia e a relação entre museu e ensino (2015-2022)

Banca Examinadora

Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Profa. Dra. Marta Emisia Jacinto Barbosa

Profa. Ma. Leticia Siabra da Silva

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram importantes na trajetória que vivi na graduação, e, no decorrer desse caminho, muitos anjos foram colocados na minha vida, que me ajudaram e deram forças para persistir nos meus sonhos. Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus por sempre ter sido importante em minha vida.

Agradeço a minha mãe, Vânia Gonçalves, que é o maior exemplo de amor na minha vida, que me ensinou que a vida não é fácil, mas que precisamos persistir no que queremos. Obrigada por sempre estar ao meu lado, incentivando, cuidando e dando broncas quando necessário. Sou muito grata por dividir mais essa etapa da minha vida com a senhora, e tenho certeza que estará ao meu lado nas próximas.

À minha avó, Marlene Aparecida, que sempre cuidou de mim e sonhou tanto com esse momento comigo. Obrigada por, nos momentos de desânimo, me ajudar e lembrar dos meus propósitos e objetivos. Agradeço também por todas as conversas, por me ouvir e tentar me entender. Minha gratidão por tudo o que fez e faz por mim será infinita.

Também agradeço à minha irmã, Maria Luiza, que por si só faz minha vida mais feliz. Obrigada, por todas as piadas – que às vezes nem entendo – mas que fazem meus dias mais felizes, me sinto honrada de ter uma irmã tão divertida e inteligente como você.

Agradeço ao meu pai, Antonione Gonçalves, por conversar tanto comigo e me apoiar nas minhas escolhas. Obrigada por ser alguém com que eu posso dividir meus sonhos, e que no decorrer desses anos de graduação sempre tirou um tempo para conversar comigo, compartilhar ideias e momentos bons.

Agradeço em especial à minha orientadora, Regina Ilka Vieira Vasconcelos, e à professora Marta Emisia Jacinto Barbosa. Vocês foram essenciais na minha vida – e com certeza na de tantas outras – obrigada por toda a atenção, o cuidado, e parabéns pelas excelentes profissionais que vocês são. Serei sempre grata, e lembrarei com carinho ao ouvir o nome de vocês.

Aos meus queridos tios e tias, Maria Helena, Sinval, Maria de Fátima, José Euripedes, Ângela e Leidimar, muito obrigada. Todos da minha família que acreditaram em mim terão sempre minha gratidão. Em especial aos meus primos(as), Fernanda Gabriel, obrigada por toda

a paciência e dedicação que teve comigo, por me ajudar a trilhar um caminho bom, por ser inspiração para mim, e ao Ricardo Gonçalves, obrigada pelo incentivo à leitura desde tão cedo. Que sorte a minha se eu fizer na vida de alguém o que fizeram por mim.

Aos amigos que fiz na graduação e que sempre estarão no meu coração, que bom foi poder compartilhar – e continuar compartilhando – momentos tão lindos com vocês. Nathália, Joao Victor, Vinicius, Ana, Matheus, Isadora, José Guilherme, Felipe, Marcos, Andressa. Agradeço por todas as conversas, todos os cafés, compartilhamento de leituras e viagens. Sempre vou falar de vocês com carinho, e ser grata por ter compartilhado essa etapa da vida com vocês.

Meu agradecimento também aos amigos que no dia a dia foram presentes. À Fabiola, que há muitos anos construímos uma amizade tão bonita; à Laysa, por conseguir nos pequenos detalhes me surpreender e me animar em momentos ruins. Agradeço também a Kelly, Marcelo, Dafiny, Guilherme e Natan, amizades que foram essenciais para que minha mente se distraísse em meio à tantas responsabilidades.

Em especial, obrigada ao Haussi Amatiri, pelo companheirismo desses quase cinco anos. Obrigada por ter acompanhado de perto minha trajetória, sempre apoiando minhas causas, se propondo a discutir assuntos sobre a faculdade, proporcionando risadas, e me incentivando quando eu achava que não era capaz.

A todas as outras pessoas, que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa trajetória, meu sincero obrigada. Todos os professores do Instituto de História que fizeram parte da minha formação foram essenciais para a minha formação. Agradeço também à Universidade Federal de Uberlândia (UFU) por esses anos que me proporcionou tanto crescimento, local onde foram construídas tantas memórias e que serão lembradas com carinho.

Todos os homens sonham, mas não da mesma forma. Os que sonham de noite, nos recessos poeirentos de suas mentes, acordam de manhã para verem que tudo, afinal, não passava de vaidade. Mas os que sonham acordados, esses são homens perigosos, pois realizam seus sonhos de olhos abertos, tornando-os possíveis.

T. E. Lawrence, *Os Sete Pilares da Sabedoria*, 1926.

RESUMO

Esse trabalho tem como eixo central refletir sobre as relações entre museu, memória e educação. O seu objetivo principal é compreender o cenário e a intenção do Museu Virtual de Uberlândia, tal como sua relação com História e Memória. Para a realização do trabalho, a plataforma do museu virtual Uberlândia de ontem e sempre se tornou a principal fonte. E as problematizações levantadas perpassaram pelo campo da História Social, identificando a área de atuação desse museu virtual e fazendo uma análise do que é memória e em quais lugares elas se encontram.

Palavras-chave: Museu; Museu virtual; Memória; Uberlândia.

ABSTRACT

This work has as its central axis to reflect on the relationship between museum, memory and education. Its main objective is to understand the scenario and intention of the Virtual Museum of Uberlândia - Uberlândia de Yesterday & Semper, as well as its relationship with History and Memory. For the accomplishment of the work, the platform of the virtual museum Uberlândia of yesterday and always, is the main source of the same. Some problematizations will be raised throughout the text, passing through the field of Social History, identifying the area of action of this virtual museum and making an analysis of what memory is and in which places they are found.

Keywords:. Museum; Virtual-museum; Memory; Uberlândia.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Página do programa de TV <i>Uberlândia de Ontem & Sempre</i>	22
Imagem 2 – Página da produtora Close Comunicação.....	22
Imagens 3 e 4 – Página inicial do Museu Virtual <i>Uberlândia de Ontem & Sempre</i>	25
Imagens 5 e 6 – Página do primeiro tópico, intitulado <i>Quem somos</i>	26
Imagem 7 – Página do tópico <i>A equipe</i>	28
Imagem 8 – Página do tópico <i>Patrocinadores</i>	28
Imagem 9 – Página do tópico <i>Contato</i>	29
Imagem 10 – Sala Reclames do Rádio	30
Imagem 11 – Sala Carnaval de Rua	30
Imagem 12 – Sala Jornal Correio	31
Imagem 13 – Sala Liceu de Uberlândia.	31
Imagem 14 – Página Acervo	32
Imagem 15 – Página Oficinas	33
Imagens 16, 17, 18 – Versão <i>mobile</i> do Museu Virtual <i>Uberlândia de Ontem & Sempre</i>	34
Imagens 19, 20, 21 – Seções do Museu Virtual que mostram materiais do acervo	40
Imagem 22 – Seção Publicação, categoria “Revistas”	41
Imagem 23 – Seção Fotos do Museu Virtual <i>Uberlândia de Ontem & Sempre</i>	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 O Museu Virtual de Uberlândia e suas práticas museológicas.....	20
1.1 O que é o Museu Virtual de Uberlândia.....	20
1.2 Uberlândia de Ontem & Sempre: prática de memória e suas relações.....	33
CAPÍTULO 2 O Museu Virtual de Uberlândia e a aprendizagem em História.....	42
2.1 As propostas Museu Virtual de Uberlândia para a aprendizagem em História.....	42
2.2 Qual o intuito da plataforma digital?.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
FONTES	61
BIBLIOGRAFIA	62

INTRODUÇÃO

Como, então, pensar os museus a partir da pluralidade e da diversidade da memória e da história? (LARA, 1991, p.106).

É com essa questão colocada pela historiadora Silvia Lara que inicio uma reflexão sobre o papel dos museus na sociedade e suas relações diretas com os temas memória, história e educação. Os museus são lugares repletos de memórias e que expressam um significado para cada pessoa que o visita. Ir a um museu é encontrar diversos materiais – objetos, fotografias, vídeos, músicas – que fazem várias relações com pessoas, grupos, culturas e momentos da sociedade. Por isso, ao olhar para esse espaço, é importante fazer uma reflexão sobre essas relações que o museu pode estabelecer com outros temas.

Esse trabalho pretende trazer reflexões sobre o Museu Virtual de Uberlândia e sua relação com as memórias contidas na plataforma. Silvia Lara (1991) coloca que os museus podem ser locais de experiências humanas, práticas sociais e de convivências democráticas das diferenças, e é a partir desse local que contém tanta pluralidade que tomo por objetivo nesse trabalho discorrer sobre a importância do acervo digital *Uberlândia de Ontem & Sempre, do* Museu Virtual de Uberlândia, para práticas de preservação da memória e usabilidade do seu material para o Ensino de História.

Considero a trajetória tomada para a escolha do tema tratado aqui um pouco turbulenta. Em meados de 2019, durante a disciplina oferecida pelo Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) chamada Métodos e Técnicas de Pesquisa em História (MTPH), me interessei em fazer uma pesquisa sobre Os Ginásios Vocacionais, mais especificamente sobre o Ginásio Vocacional de Oswaldo Aranha¹, pois tive a oportunidade de conhecer o documentário sobre esse local de ensino em outra disciplina estudada. Contudo, grande parte das fontes sobre o ginásio se encontram atualmente na cidade de São Paulo, e, por conta da distância, o trabalho se tornou inviável.

¹ O Ginásio Vocacional de Oswaldo Aranha foi inaugurado em 1962, contudo essa iniciativa educacional foi extinta em 1969 pela ditadura militar.

Após definir que teria que alterar o tema do trabalho, já tinha em mente a vontade de tratar de um assunto relacionado com educação. Dessa forma, me recordei dos passeios que fazia aos museus durante o Ensino Fundamental que marcaram meu processo de aprendizagem e decidi que iria debruçar a pesquisa sobre o Museu Municipal de Uberlândia².

No ano de 2020 teve início a pandemia de COVID-19, que trouxe – e na data presente desse trabalho infelizmente continua – muitas tristezas para a sociedade. Por esse motivo, as visitas ao museu estavam suspensas e eu precisei pensar em uma forma de viabilizar uma pesquisa feita totalmente *online*.

Ao pesquisar sobre museus na *internet*, é possível visualizar que muitos museus utilizam recursos tecnológicos para viabilizar o acesso a suas informações e a seus acervos para que aqueles que não têm acesso ao museu físico consigam aproveitar o material. Essa abordagem pode ser feita de diferentes maneiras: alguns museus colocam partes de suas exposições disponíveis como forma de convite para o público conhecer todo o material; outros se propõem a colocar o material com descrição, lembrando do modelo das visitas guiadas, de forma adaptada para a plataforma.

A existência de museus virtuais vem crescendo a cada dia, e é uma ferramenta interessante para que a distância não impeça as pessoas de “visitarem” um museu, por exemplo. É, de fato, importante colocar que a iniciativa de disponibilizar esses materiais ajuda na democratização do acesso à educação. Contudo, no decorrer desse trabalho, será apresentado como que o crescimento de plataformas *online* de museus não garante que muitas pessoas tenham acesso, pois, para que as visitas sejam realizadas, é preciso de acesso à *internet* e computador ou celular.

Sobre a adoção de recursos da tecnologia digital, Daniel Bitter coloca que:

Atualmente, muitos museus têm adotado os recursos da tecnologia digital para a conservação de suas coleções em suportes virtuais, chegando mesmo a ampliar o seu acesso por meio da internet, CD-Rom's e outros meios eletrônicos, como é o caso da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (BITTER, 2009, p. 25).

Percebendo a possibilidade de trabalhar com um museu virtual e relacionar o assunto com educação, o tema foi escolhido: Museu Virtual de Uberlândia – Uberlândia de Ontem & Sempre. Na constituição desse trabalho, alguns autores discutidos durante o processo de

² O Museu Municipal de Uberlândia está localizado na Praça Clarimundo Carneiro, na cidade de Uberlândia. É o antigo prédio do Palácio dos Leões.

graduação contribuíram para uma aproximação da temática. Além disso, é necessário colocar que todo o material utilizado para a realização desse trabalho foi acessado de forma virtual.

É importante refletir brevemente aqui sobre museus, sua organização e sua relação com a educação, assunto que será retomado com mais detalhes posteriormente. Bitter (2009) afirma que os surgimentos dos museus como espaços de pesquisa e de produção de conhecimento foi possível apenas quando os saberes disciplinares se emanciparam das práticas religiosas. Nesse contexto, durante o século XVIII, objetos, fósseis, plantas, ganharam uma importância crescente. O autor discorre sobre os conhecimentos que os museus passam a desenvolver:

O conhecimento que os museus se propõem a difundir é majoritariamente centrado na visualidade dos objetos exibidos através de exposições. O valor que esses objetos adquirem enquanto documentos está na sua capacidade de tornar presentes realidades distantes, pois são considerados como partes, fragmentos ou vestígios dessas realidades. (BITTER, 2009, p. 23).

Além de trazer o museu como meio importante para o processo de aprendizagem, devemos nos remeter também a figuras importantes: os profissionais do museu. Esses profissionais são museólogos, restauradores e outros, com formações e práticas específicas para exercer suas funções dentro de um museu, e são responsáveis pela disposição dos materiais apresentados e até mesmo pela definição da abordagem dos conhecimentos ali produzidos. Nesse sentido, Bitter também fala sobre a importância dos curadores para um museu:

As exposições, sejam elas temporárias ou permanentes, costumam ser concebidas por um curador. Cabe aos curados criar e planejar as exposições, o que implica a escolha do tema e definição de sua abrangência, a seleção dos objetos e organização. (BITTER, 2009, p. 25).

Diferentes características são causas da existência dos museus, e há muitas pessoas por trás de uma exposição museológica. Ao discorrer sobre a figura dos curadores, por exemplo, Bitter está citando os museus físicos. Contudo, para seu funcionamento e para que também ofereça uma educação não-formal, um museu virtual também é pautado em metodologias. Portanto, também em um museu virtual há pessoas especializadas por trás do que está sendo mostrado através das telas de celulares e computadores.

Muitos museus foram construídos e instruídos por um viés positivista e têm a intenção de contar e defender uma determinada vertente historiográfica. Em grande maioria, eles contam sobre os grandes fatos da história e seus heróis, exibindo objetos que remetem à validação dessas ações. Logo, se o museu tem o seu lado de encanto na história, é preciso analisar com

cautela e lhes fazer as perguntas corretas, para não cair no equívoco de encanto com objetos antigos expostos e acreditar apenas nas descrições colocadas por uma pessoa que assumiu um “lado” historiográfico.

Para complementar a importância da indagação sobre os fatos, devemos fazer uma reflexão sobre a questão: a história pode ser neutra?

A vertente que defende que a história tinha que ser colocada através de uma perspectiva neutra é o positivismo. Sobre ele, a historiadora Karine Marins Amaral Cruz afirma:

[...] abordagens de cunho positivista que compreendem que o historiador deve manter uma neutralidade e conservar uma distância de segurança para garantir a qualidade dos resultados da investigação. O pesquisador se situaria, então, nessa perspectiva, como um agente externo, que observa e analisa a trama social de forma, e seus procedimentos nunca interviriam no decurso natural dos acontecimentos históricos. (CRUZ, 2013, p. 42).

Observando tal abordagem, podemos observar a falácia de uma neutralidade defendida, uma vez que excluía várias memórias, deixando predominante apenas as histórias que interessavam para dominação. É preciso fazer um adendo para a importância dessa discussão, uma vez que observamos em nossa sociedade atual uma presença de determinados grupos que acreditam na abordagem histórica neutra, tentando legitimar perante a lei projetos como o Escola sem Partido³.

Em oposição ao positivismo, devemos observar o movimento da Nova História, defendida por Pierre Nora e Jacques Le Goff, que trouxe questionamentos interessantes a partir da visão de que a história nunca é neutra, contrapondo-se a uma história factual que instruiu a criação de diversos lugares museológicos. Os documentos sempre foram importantes, pois são objetos que muitas vezes denotam de alguma prática ocorrida. Contudo, pelo olhar do positivismo, esses documentos criados por meios oficiais não poderiam ser contestados, a verdade absoluta estava contida neles. Atualmente, já observamos outra abordagem em relação a isso, uma vez que há casos na história de documentos que foram até forjados em distinção de legitimação de alguma vertente.

³ Projeto de Lei intitulado PLS 193/2016, apresentado ao Congresso Nacional em junho de 2016. Projeto “Escola sem Partido”: “...O projeto visa estabelecer regras para o professor sobre o que ele pode ou não falar dentro da sala de aula, para se “evitar” uma possível doutrinação ideológica e política. A ideia do programa existe desde 2004 e foi criado pela sociedade civil organizada, que tem como proposta colocar um cartaz na parede de toda sala de aula, deixando claro quais os deveres do professor. [...] Para se ter uma ideia, alguns desses deveres incluem “instruir” o professor a não demonstrar suas opiniões sobre qualquer que for o tema; não estimular os alunos a participarem de manifestações, atos públicos e passeatas e que a educação moral seja ensinada com base naquela que os pais dos alunos achem a mais correta. Contudo, tal projeto tem gerado críticas ao longo dos últimos tempos.” (ESCOLA..., s/d).

Logo, ressalto, mais uma vez, que é preciso olhar para todo e qualquer material de forma a lançar questões sobre o seu propósito. Não podemos aceitar algo, por exemplo, apenas por estar previsto na lei, por ter uma número grande de aceitação ou por ter “superiores” em sua defesa. Imaginemos se ninguém tivesse questionado, se colocado em oposição e lutado para colocar fim em leis horríveis que já existiram, como as de legitimação da escravidão?

“O historiador é aquele que impede a história de ser somente história.” É com essa afirmação do autor Pierre Nora (1993) que pretendo iniciar uma reflexão sobre uma das questões mais pensadas no âmbito da história: o que é história? Essa questão não diz respeito apenas ao seu significado conceitual, mas também sobre as diversas relações que pode estabelecer com a sociedade, a memória, os documentos e as pessoas. Há a história como disciplina, a história de um lugar, a história das pessoas, as relações que as histórias fazem entre elas e também a consciência história formada pelo estudo da história.

Outra questão para reflexão que instrui esse texto é: para que serve a história? Em que momentos da nossa vida, usamos a história, como as outras pessoas e outras classes sociais usufruem da história? Qual o interesse, para nós e para os outros, de preservar uma história?

Essas indagações não são fáceis de responder, e só será possível através de uma abordagem de discussão e levantamento de autores que tratam do tema. No decorrer desse trabalho, serão levantados esses pontos, ao mesmo tempo em que se apresenta uma análise das relações criadas pelo Museu Virtual. A pretensão não se focaliza em responder diretamente tais questões, mas sim trazer reflexões para pensarmos sobre o assunto.

Mas, enfim, o que são esses lugares que guardam memórias e despertam em seu público diferentes emoções? Os museus são reconhecidos por serem lugares não-formais de educação e perpassaram por diferentes fases ao longo dos anos, contudo, sempre foram lugares de admiração pelo material ali colocado. Neles, encontramos diversas narrativas e seu público pode ser bastante diverso, incluindo crianças, jovens e idosos. A autora Andréa Falcão apresenta algumas questões para pensarmos sobre esses lugares:

Para refletir melhor sobre o que se quer dizer quando se fala de espaços não-formais de educação, percebemos que é importante refletir sobre três níveis diferentes: primeiro prestar atenção aos conteúdos e à maneira como são apresentados ao público; segundo, observar as atividades propostas por estes espaços e a maneira como a escola se relaciona com eles; terceiro, investigar a história e a dinâmica institucional. (FALCÃO, 2009, p. 20).

Para iniciar uma reflexão sobre as diferentes abordagens e finalidades que esses espaços tiveram na sociedade, lembremos da afirmação de Bitter e vamos nos remeter novamente ao

século XVIII, quando os espaços museológicos já existiam e estavam atrelados às ideias iluministas, em um momento que objetos, fósseis, plantas, ganharam importância crescente para o conhecimento sobre o mundo.

Denise Coelho Studart (2007) diz que, conforme as ideias iluministas, apenas pelo conhecimento a humanidade poderia libertar seu pensamento a partir da expulsão de dogmas e superstições, e os museus seriam instrumentos para esse objetivo. Nos séculos XIX e XX, desenvolve-se um movimento de reconhecimento dos museus como participantes no processo educacional, mas esse método de aprendizagem ficaria restrito aos grupos que detinham mais poder e dinheiro. Somente ao final do século XX que vai ocorrer uma abertura para um público maior ter acesso a esse objeto da sociedade. Studart discorre sobre esse período:

Ao longo do século XX ocorrem mudanças significativas no conceito e nos objetivos dos museus, dando origem a novas formas de comunicação entre eles e a sociedade. Tradicionalmente voltados para as coleções, passaram a dialogar com um público mais amplo e diversificado, ao mesmo tempo em que buscaram estabelecer uma relação mais estreita com as comunidades locais. Vale ressaltar que, a partir da década de 1960, a concepção educativa das exposições em museus, principalmente os de ciência, foi muito influenciada pelas teorias educacionais em vigor; em especial pelas teorias construtivistas, que enfatizam o papel ativo do indivíduo na construção de seu próprio aprendizado, visto como um processo dinâmico que requer uma interação constante entre ele e o ambiente. (STUDART, 2007, p. 1).

Observamos que os museus também fizeram parte de um movimento autoritário no Brasil, isso porque, por muito tempo, esses lugares demonstravam uma vertente historiográfica com objetivos de sustentar uma história dos “vencedores”. Tal perspectiva tem forte relação com a estrutura hierárquica do espaço social, e a forma de disposição dos museus por muito tempo foi fortemente marcada e caracterizada por demonstrações de objetos e materiais que remetiam à exploração e à dominação de determinados grupos sobre outros.

Marilena Chauí, ao tratar sobre o autoritarismo, a violência e a cultura senhorial na sociedade brasileira, coloca que:

A estrutura hierárquica do espaço social determina uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre superior, que manda, e um inferior, que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdade que reforçam a relação mando-obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade. [...] A divisão social das classes é naturalizada por um conjunto de práticas que ocultam a determinação histórica ou material da exploração, da discriminação e da

dominação e que estruturam a sociedade sob o signo da nação indivisa, sobreposta à divisão eu a constitui. (CHAUI, 2001 ,p. 37).

Ao nos referirmos à disposição de museus marcados “antigamente” por essas características, não podemos pensar que o quadro se alterou e que, hoje, temos uma abordagem completamente diferente desses locais que guardam memórias, pois, após tantos anos com tal abordagem, os vestígios ainda se encontram na nossa sociedade e bem como os lugares que ainda são perpassados por essa ideia. O que temos é um movimento cada vez maior de museus querendo dar voz às histórias silenciadas, mostrando a importância desses sujeitos para a história.

Memória e história, apesar de aparecerem quase sempre juntas nas discussões, não têm o mesmo significado. As memórias contidas em um museu, por exemplo, são cheias de pluralidades e abordagens distintas, ou sejam, não existem de forma singular. Segundo Pierre Nora (1993), a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e revitalizações.

Sendo as memórias resultado da vida e carregadas por grupos, elas detêm significados para cada um desses grupos. Preservar as memórias de um grupo é conservar os valores e princípios que existem ali, sendo importantes para que a cultura desse grupo não “morra”, por exemplo, e também para garantir a pluralidade de memórias que constituem a sociedade, não deixando que apenas certas memórias específicas vivam. Pierre Nora completa que não a memória espontânea, daí a importância de criá-la:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. (NORRA,1993, p. 13).

Juntamente com a importância da memória para os diferentes grupos, segundo Nora(1993), a história é importante para um lugar. A necessidade de memória é uma necessidade da história, pois tudo o que hoje é chamado de memória já é história. Ao falar sobre história, devemos nos remeter também ao Materialismo Histórico, importante para entender o passado que é transformado em História. Walter Benjamin (1989), no texto Sobre o conceito

de história, coloca em sua primeira tese que o fantoche vestido à turca representa o Materialismo Histórico, o responsável por trazer à tona o passado que foi vivido pelo sujeito histórico, movimento que acontece até sem que o sujeito saiba.

Logo, abordamos a história a partir de uma vertente marxista, que considera que os homens e as mulheres que fazem história e criam memórias são sujeitos que devem ser ouvidos. Sendo assim, ao olhar para os museus, devemos cuidar de perceber se o lugar dar voz a todas as histórias, ou se são selecionadas conforme uma história de dominação no país, fortemente marcada por desigualdade social. Se, como alertam Karl Marx e Friedrich Engels (1867) a história não faz nada, entendemos então que quem faz são as próprias pessoas, donas de suas histórias. É importante situar isso, porque essas pessoas pertencem a algum grupo que por sua vez estão situados em um lugar. Portanto, a história tem sua importância para os distintos locais.

O local trabalhado por esta pesquisa é a cidade de Uberlândia que fica em Minas Gerais. Como apresentado anteriormente sobre a importância da história para um local, é imprescindível destacar a importância de preservar e guardar a história da cidade de Uberlândia. Há alguns museus voltados para contar diferentes histórias da cidade, e, durante a análise do Museu Virtual de Uberlândia – Uberlândia de Ontem & Sempre, tentarei demonstrar como as memórias da cidade são abordadas pelas pessoas que aqui vivem.

O Museu Virtual Uberlândia é parte de um projeto maior nomeado Uberlândia de Ontem & Sempre, composto por um programa de TV, por um almanaque e pelo museu. A plataforma foi ao ar no ano de 2015 e continua funcionando até a data presente. O tema desse museu é a cidade de Uberlândia, sendo assim, dedica-se a expor diferentes materiais que tenham relação com a cidade. Entre esses materiais, conseguimos visualizar fotografias, vídeos, gravações de programas de TV, jornais e os almanaques. É uma plataforma ampla que dá acesso para o público conhecer um pouco mais da cidade através de diversos olhares.

Com o trabalho desenvolvido durante a pesquisa, pretendo demonstrar a disposição desse museu, pensando em como ele é apresentado visualmente, além de discutir seus objetivos. No decorrer da pesquisa, foi importante a utilização das entrevistas dos organizadores do museu virtual, que diversas vezes falaram sobre o projeto e sobre sua importância, sobre como está pautado na direção de incentivar os moradores de Uberlândia a participarem, enviando materiais para expansão do acervo, bem como incentivar as empresas a colaborarem com o investindo no projeto.

A monografia está organizada em dois capítulos constituídos por dois itens cada.

O primeiro capítulo é nomeado *O Museu Virtual de Uberlândia e suas práticas museológicas*, e está dividido em itens: *O que é o Museu Virtual de Uberlândia; Uberlândia de Ontem & Sempre: prática de memória e suas relações*.

No primeiro item do primeiro capítulo, o objetivo é apresentar e descrever o museu virtual; apresentar sua história, tal como sua criação, a forma como o museu está disposto, quais seus objetivos; apresentar todas as seções do museu. Para tal apresentação, utilizei como metodologia a descrição de cada seção e respectivos materiais que as compõem.

No segundo item do primeiro capítulo, vou apresentar as diversas publicações que a plataforma disponibiliza e a relação com o seu público-alvo. Essa discussão vai desde a disposição desses materiais para o estabelecimento do contato com o público até ao que o museu pode proporcionar para cada pessoa que visita a página.

O segundo capítulo tem como título *O Museu Virtual de Uberlândia e as questões da aprendizagem em História*, onde já me proponho a olhar para o processo de aprendizagem em História, tal como o intuito da plataforma digital. Também é constituído por dois itens: *As propostas do Museu Virtual de Uberlândia para a aprendizagem em História e Qual o intuito da plataforma digital?* Há, nessas partes, a relação entre as seções do museu virtual e como podem ser utilizadas para o processo de aprendizagem, assim como problemáticas sobre esse uso e sobre as propostas apresentadas.

CAPÍTULO 1

O Museu Virtual de Uberlândia e suas práticas museológicas

1.1 O que é o Museu Virtual de Uberlândia

O Museu Virtual de Uberlândia é uma plataforma digital nomeada Uberlândia de Ontem & Sempre⁴, existe desde o ano de 2015 e conta com materiais produzidos a partir de 1990. Essa plataforma reúne um acervo com diversas produções documentadas e audiovisuais com registros e temáticas sobre a cidade de Uberlândia/MG. Ao acessar o *site*, podemos encontrar informações sobre a trajetória do Museu, sua equipe, patrocinadores, passeios virtuais com diversas salas para visualização, acervos com imagens e histórias, e também oficinas com diferentes temas.

Início a análise da plataforma Uberlândia de Ontem & Sempre falando a respeito da cidade de Uberlândia e alguns de seus museus. Uberlândia é um município do interior de Minas Gerais e que tem aproximadamente 700.000 habitantes. Na cidade, há alguns museus físicos. Dentre os museus que existem no município, temos: O Museu Municipal de Uberlândia que é antiga sede da prefeitura de Uberlândia; o Museu do Índio,⁵ com uma grande diversidade sobre a cultura dos povos indígenas; e também o Museu Universitário de Arte (MunA) com exposições temporárias de diversos artistas. Estes dois últimos pertencem à Universidade Federal de Uberlândia.

Dentre os três museus físicos de Uberlândia citados acima, podemos notar que dois deles contém acervos *online*. Os *sites* para acesso aos acervos desses museus ajudam na divulgação do material e fazem com que mais pessoas tenham acesso aos materiais e informações que os museus visam apresentar ao seu público-alvo. As plataformas digitais de acesso a conteúdos educacionais estão cada vez mais se tornando destaque na sociedade, uma vez que a tecnologia

⁴ O museu faz parte de um projeto constituído pelo programa de TV Uberlândia de Ontem & Sempre, Almanaque Uberlândia de Ontem & Sempre e Museu Virtual Uberlândia de Ontem & Sempre. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>

⁵ Fundado no ano de 1987, na cidade de Uberlândia.

é, na maioria das vezes, uma aliada ao processo de compartilhamento de materiais e informações para o processo de aprendizagem.

É válido apontar uma diferença entre os *sites* que contém museus com locais físicos e a plataforma do Uberlândia de Ontem & Sempre, que é apenas digital. Os museus físicos utilizam o recurso dos *sites* para complemento dos temas apresentados. Já o *site* do Uberlândia de Ontem & Sempre visa deixar disponível um grande acervo – materiais de diversos temas, reunindo mais de 30 (trinta) anos de produções audiovisual – com todo o material referente à cidade de Uberlândia, e não conta com visita presencial de fácil acesso. O Museu Virtual Uberlândia de Ontem & Sempre foi pensado desde o princípio para ser apenas uma plataforma *online*.

O Museu Virtual de Uberlândia é parte de um projeto geral nomeado Uberlândia de Ontem & Sempre. Esse projeto é dirigido pelo jornalista Celso Machado, que nasceu em Uberlândia. Em uma edição especial do Uberlândia de Ontem & Sempre, há uma sequência de três vídeos que contam a vida do jornalista e suas trajetórias profissional e pessoal⁶. Entre as contribuições profissionais ao longo da vida, Celso Machado trabalhou na ABC Propaganda, no grupo Algar, Nós Projetos de Conteúdo, e colaborou com muitas revistas, além de fundar sua própria empresa. Em sua apresentação, Celso Machado afirma que sempre gostou de contar e colecionar histórias, e quis compartilhar os materiais que contam sobre Uberlândia com a sociedade. O seu acervo privado constituiu três plataformas de conteúdo: o Museu Virtual de Uberlândia intitulado Uberlândia de Ontem & Sempre, a revista impressa Almanaque Uberlândia de Ontem & Sempre e também o programa de TV Uberlândia de Ontem & Sempre.

O Almanaque Uberlândia de Ontem & Sempre foi criado em 2011 e é uma publicação da Nós Projetos de Conteúdo. Ele busca resgatar a história local a partir de celebridades e de pessoas anônimas e conta, atualmente, com vinte edições. As revistas contêm diversas ilustrações que retratam memórias, relatos e entrevistas.

A empresa Close Comunicações⁷, é uma produtora de vídeo que tem cerca de trinta anos no mercado e tem sua especialidade na produção de conteúdo, sua equipe ajudou a reunir e recontar as histórias do Almanaque. É importante salientar que a Close tem uma aproximação com o projeto Uberlândia de Ontem & Sempre, e, na edição especial do programa de TV em

⁶ Especial Celso Machado, edição 461 do programa Uberlândia de Ontem & Sempre. Na primeira parte, contém depoimentos de amigos e familiares sobre a vida pessoal de Celso Machado; na segunda parte, relatos sua trajetória profissional; e, na terceira parte, apresentação do trabalho de mostrar as memórias da cidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VLN1fqznbvw/> Acesso em 10 mar.2022.

⁷ Foi fundada em 1991 e é uma das primeiras produtoras de vídeos profissionais da cidade de Uberlândia, com estreita relação de profissionalismo com o projeto Uberlândia de Ontem & Sempre.

homenagem a Celso Machado, há um episódio exclusivo para a empresa e sua relação com a vida de Machado.

Imagem 1 – Página do programa de TV *Uberlândia de Ontem & Sempre*.



Fonte: <http://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/categoria/museu-virtual-de-uberlandia>.
Acesso em: 10 fev. 2022.

Imagem 2 – Página da produtora Close Comunicação.



Fonte: <https://close.com.br/> . Acesso em: 10 fev. 2022.

O programa de TV Uberlândia de Ontem & Sempre, que atualmente é transmitido em dias de quarta-feira e sexta-feira às 19h30m na Tv Universitária, da Universidade Federal de Uberlândia, foi criado em 2005 e tem mais de seiscentos programas veiculados. Em uma matéria exibida no programa Uberlândia de Ontem & Sempre, edição 274 veiculado em 8 de janeiro de 2011⁸, disponível na plataforma do Museu Virtual de Uberlândia e no *Youtube*, Paulo Henrique Petri, ao entrevistar Celso Machado, questiona sobre a vontade do jornalista ir para a televisão e se tornar o entrevistador. O jornalista menciona que, desde jovem, tinha interesse em vídeo, produção e televisão, e relembra a oportunidade que teve na série dos setenta anos do Praia Clube⁹. Celso Machado assim se refere ao início de sua experiência com entrevistas:

Eu tinha muita vontade de gravar com pessoas de Uberlândia pra mim registrar a passagem deles a contribuição marcante na cidade de Uberlândia, mas faltava um motivo de porquê entrevistar alguém, e nos 70 anos do praia ele percebeu a oportunidade e resolveu fazer um programa que era Uberlândia de ontem e sempre que era um bate papo [...].

Um dos vídeos disponíveis no Museu Virtual é o filme *Uberlândia, Cidade Menina*¹⁰ que foi produzido na década de 1930/1940. Em entrevista veiculada no dia 15 de janeiro de 2011, Celso Machado relembra a recuperação desse registro que é o vídeo mais antigo da cidade de Uberlândia, em parceria com o Hospital Santa Catarina, e relata o valor excepcional que esse material tem para a sociedade.

Nessa mesma entrevista, o jornalista deixa registrada a intenção da equipe de transformar esse acervo já existente dos programas de TV e materiais recuperados no que hoje conhecemos como o Museu Virtual de Uberlândia de Ontem & Sempre, indexando e digitalizando esses materiais. Em 2011, o projeto já tinha o apoio de alguns parceiros como a eoGlobal, Hospital Santa Catarina, Prefeitura de Uberlândia e outras empresas.

A plataforma do Museu Virtual de Uberlândia surgiu a partir da intenção do jornalista Celso Machado em expor seu acervo privado com diversos materiais reunidos sobre Uberlândia. E o Museu Virtual de Uberlândia tornou-se disponível quatro anos depois dessa entrevista, e dez anos depois do início da apresentação do programa de TV. Os vídeos presentes na plataforma não são apenas do programa de TV Uberlândia de Ontem & Sempre, também há materiais de programas como Terra da Gente, Linha Direta, Uberlândia 2000, Perguntar não

⁸ Disponível em: <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/celso-machado-guardiao-de-historias/>.

⁹ Encontro realizado pelo Praia Clube. É importante destacar que no Museu Virtual há diversas publicações e entrevistas sobre o Praia Clube.

¹⁰ Filme que mostra a cidade de Uberlândia em meados da década de 1940, recuperado pela Close Comunicação.

Ofende. Além disso, há vídeos institucionais que foram produzidos para empresas como União Atacado, Alô Brasil, Irmãos Garcia e Grupo Algar.

De acordo com informações retiradas do próprio *site* do Museu Virtual, o conteúdo da plataforma é fomentado por conteúdo da TV, da revista impressa e do *site*. Dessas três plataformas, há disponíveis no *site* mais de 600 programas de televisão, 2000 vídeos digitalizados, 15 revistas publicadas, mais de 150 matérias nas revistas e 2 leis de incentivo.

O projeto Uberlândia de Ontem & Sempre conta com alguns patrocinadores e também com o apoio de duas leis de incentivo à cultura, sendo uma municipal e uma estadual. A Lei Estadual de Incentivo à Cultura (LEIC) de Minas Gerais é a responsável por aprovar que empresas possam apoiar financeiramente projetos culturais que foram previamente aprovados pela Secretaria de Estado de Cultura, e o Uberlândia de Ontem & Sempre está amparado por esta lei desde o ano de 2011. Além da lei estadual, o projeto conta também com incentivo do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC), que tem como finalidade captar recursos para o setor cultural, estimulando a realização de projetos culturais em Uberlândia.

O Museu Virtual Uberlândia de Ontem & Sempre pode ser acessado através do *link* <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>. A plataforma é dividida em cinco páginas principais: *Home*, O Museu, Passeio Virtual, Acervo, Oficina. Cada uma das suas páginas contém seus respectivos tópicos que serão tratados no decorrer da monografia.

A página inicial do *site* é a *Home*, a primeira página ao acessarmos o *site* do Museu. Nessa página, é possível visualizar diversas salas com nomes de figuras relacionadas à cidade de Uberlândia. Encontramos também nessa página um local específico para buscas e uma nuvem de *tags* que facilitam o encontro de materiais por temas gerais – palavras-chave – com evidência para as redes sociais do Museu Virtual e, logo após, para os patrocinadores do projeto, como: Ética Conservação, Unimed, Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC), Prefeitura de Uberlândia. É uma página com diversos materiais disponíveis, pois nela estão contidas as primeiras informações que seu público vai observar ao acessar a plataforma.

Imagens 3 e 4 – Página inicial do Museu Virtual *Uberlândia de Ontem & Sempre*

MUSEU UBERLÂNDIA DE ONTEM & SEMPRE

Artistas do Almanaque: Ed. 20 – Henrique Lemes

Artistas do Almanaque: Ed. 20 – Henrique Lemes | Artistas do Almanaque: Ed. 19 – Rejane Paiva | Artistas do Almanaque: Ed. 18 – Dequeto | Artistas do Almanaque: Ed. 17 – Valéria Spinola

Artistas do Almanaque: Ed. 20 – Henrique Lemes | Artistas do Almanaque: Ed. 19 – Rejane Paiva | Artistas do Almanaque: Ed. 18 – Dequeto

SALA DR. GENÉSIO MELO

Entrevista Rondon Pacheco | Dr. Genésio Melo

ENTRE

SALA NEGO AMÂNCIO

Entrevista Nego Amancio | Entrevista Gabriel Thomé

ENTRE

SALA UTC: LAURO DE PAULA

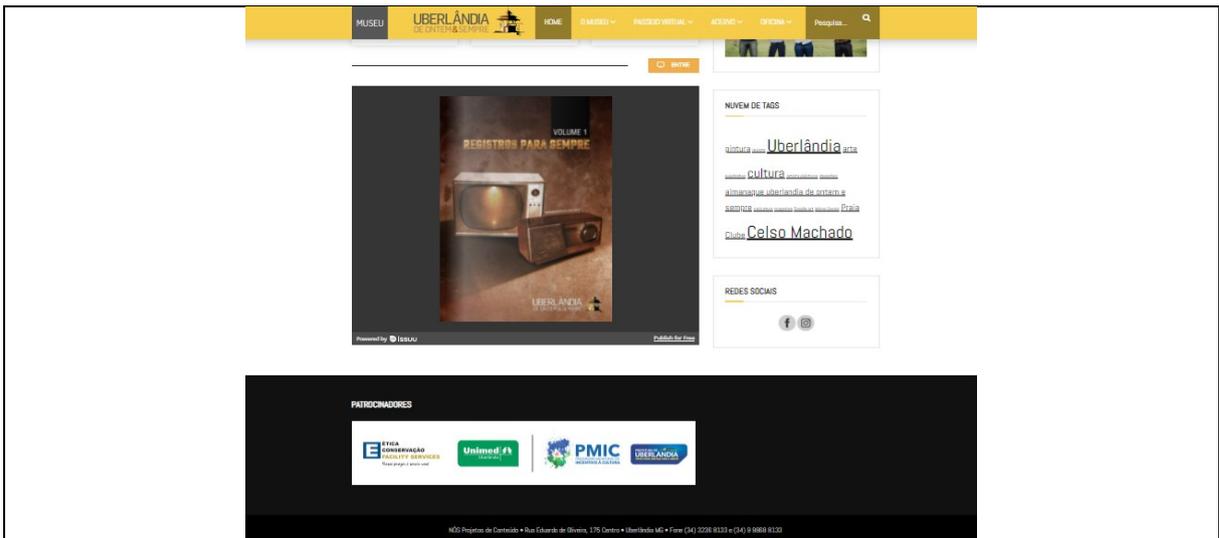
Entrevista Lauro de Paula | Uberlândia Tênis Clube

ENTRE

SALA ESCOLA ESTADUAL

Sala Escola Estadual – Museu | Professor Sain't Clair | Lembranças da Escola Estadual de Uberlândia

ENTRE



Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>

A segunda página chama-se *O Museu*, e seu primeiro tópico é intitulado Quem somos. Nessa parte da plataforma é apresentado o que é esse museu e como nasceu o projeto Uberlândia de Ontem & Sempre, tal como seu idealizador e informações sobre os materiais disponibilizados na plataforma. A partir das informações colocadas nesse espaço da plataforma, é possível ter uma visão geral da finalidade do *site*, tal como entender de forma resumida a história da criação da plataforma.

Imagens 5 e 6 – Página do primeiro tópico, intitulado *Quem somos*.



Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>

Os demais tópicos da página O Museu são: *Equipe*, *Patrocinadores* e *Contato*. A *Equipe* é constituída pelo empreendedor Celso Machado, a viabilização do projeto a partir do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC), promoção pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia, a participação de Nós Projetos de Comunicação e patrocínio das empresas Ética e Hotel Executive Inn.

O tópico *Patrocinadores* menciona as empresas Ética Conservação e Unimed, e ressalta que interessados em patrocinar o projeto podem entrar em contato com a plataforma e que as marcas terão ampla visibilidade ao público-alvo, pois o *site* recebe diversas visitas diariamente.

Por fim, o tópico *Contato* oferece um espaço para entrar em contato com a equipe, tal como endereço e outras informações para quem demonstre interesse em saber mais sobre o projeto ou sobre a plataforma.

Imagem 7 – Página do tópico *A equipe*.

The screenshot shows the 'A equipe' page on the website. The header includes 'MUSEU', 'UBERLÂNDIA DE ONTEM & SEMPRE', and navigation links: HOME, O MUSEU, PASSEIO VIRTUAL, ACERVO, OFICINA, and a search bar. The main content area is titled 'A equipe' and contains two paragraphs of text. The first paragraph describes the museum as an initiative of journalist and cultural entrepreneur Celso Machado, established in 2005. The second paragraph mentions its funding by the PMIC program. Below the text is a 'Ficha técnica' section listing roles like digitalization, research, and site creation. On the right, there is a 'NUVEM DE TAGS' section with tags for 'Celso Machado', 'Uberlândia', and 'Clube almanaque uberlandia de ontem e sempre'. A promotional image for 'VOCÊ NO MUSEU' is also visible.

A equipe

O Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre é uma iniciativa do jornalista e empreendedor cultural Celso Machado. Desde 2005, ele compartilha com a cidade o acervo audiovisual que começou a formar na década de 1990 e mantém até hoje, como iniciativa individual.

Atualmente, o projeto é viabilizado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC), promovido pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia. O projeto tem como proponente a Nós Projetos de Comunicação. Conta com patrocínio das empresas Ética e Executive Inn.

Ficha técnica

Digitalização do acervo: Tariqui Borges, publicitário

Pesquisador / conteúdo: Lucas Capra Daian, designer

Criação do site: Old Black Gallery

Coordenadora: Adriana Sousa, Jornalista

Direção geral: Celso Machado

NUVEM DE TAGS

[Celso Machado](#)

[Uberlândia](#)

[Clube almanaque uberlandia de ontem e sempre](#)

[pintura](#)

[arte](#)

Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/a-equipe/>

Imagem 8 – Página do tópico *Patrocinadores*.

The screenshot shows the 'Patrocinadores' page. The header is identical to the previous page. The main content area is titled 'Patrocinadores' and contains three paragraphs of text. The first paragraph describes the museum as a cultural project approved by the PMIC program. The second paragraph explains the goal of the project: to help people love their city more. The third paragraph mentions the museum's high visitation and its use as a pedagogical tool. Below the text are logos for 'Unimed Uberlândia', 'PMIC', and 'PREFEITURA DE UBERLÂNDIA'. On the right, there is a 'NUVEM DE TAGS' section with tags for 'Praia Clube', 'Celso Machado', 'almanaque uberlandia de ontem e sempre', 'pintura', 'Uberlândia', and 'cultura arte'. Below that is a 'REDES SOCIAIS' section with icons for Facebook and Instagram. At the bottom, there is a 'PATROCINADORES' section with logos for 'ÉTICA CONSERVAÇÃO FACILITY SERVICES', 'Unimed Uberlândia', 'PMIC', and 'UBERLÂNDIA'. The footer contains the address and contact information for 'Nós Projetos de Comunicação'.

Patrocinadores

O Museu Virtual Uberlândia de Ontem e Sempre é um projeto cultural, aprovado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC), da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Atualmente, tem como patrocinadores [Ética Conservação](#) e [Unimed](#).

O empresário interessado em patrocinar o projeto, pode entrar em contato com a gente. O resgate da história da cidade contribui para que as pessoas passem a gostar mais do lugar onde vivem, desenvolvam um sentimento de orgulho em pertencer.

O site recebe dezenas de visitas diariamente e é utilizado como ferramenta pedagógica. Assim, as marcas patrocinadoras terão ampla visibilidade junto ao público alvo.

NUVEM DE TAGS

[Praia Clube](#)

[Celso Machado](#)

[almanaque uberlandia de ontem e sempre](#)

[pintura](#)

[Uberlândia](#)

[cultura](#)

[arte](#)

REDES SOCIAIS

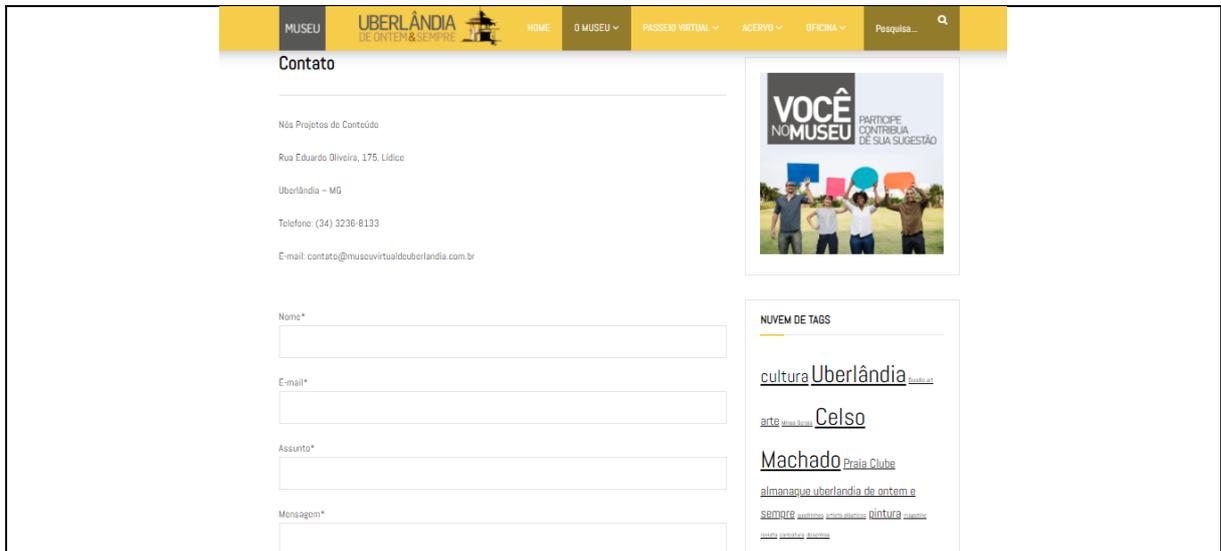
[f](#) [@](#)

PATROCINADORES

[ÉTICA CONSERVAÇÃO FACILITY SERVICES](#) [Unimed Uberlândia](#) [PMIC](#) [UBERLÂNDIA](#)

Nós Projetos de Comunicação • Rua Eduardo de Oliveira, 175 Centro • Uberlândia MG • Fone (34) 3236 8133 e (34) 9 9868 8133

Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/patrocinadores/>

Imagem 9 – Página do tópico *Contato*.

Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/contato/>

A terceira página é nomeada Passeio Virtual. Nessa página, podemos encontrar cinco salas e navegar através dos conteúdos disponibilizados por elas.

A sala Reclames do Rádio conta com a participação de pesquisadores sobre o rádio, como, por exemplo, Newton Dângelo, Jorge Chamberlain, Marcio Alvarenga, entre outros, que são pesquisadores da temática apresentada na sala e dialogam sobre os *spots*.

A sala Carnaval de Rua apresenta uma série de quatro vídeos sobre a história do carnaval de Uberlândia, tal como o disponibilizado a respeito das escolas de samba da cidade. Nessa seção há a participação do Mestre Capela¹¹, Mestre Lotinho¹² e da Escola Garotos do Samba¹³ contando sobre sua história.

A próxima sala é Jornal Correio, onde há “bate papos”, com Waldir Melgaço, José Pereira Pirese Antonio Andrada Prietro¹⁴, sobre o jornal Correio de Uberlândia e o seu passado.

A última sala do passeio virtual é a sala Liceu de Uberlândia, que é uma instituição de ensino da cidade de Uberlândia. Nessa sala, vê-se as figuras Milton Porto, Arcelimo Pereira e Orlandi Viollatti¹⁵, contando um pouco das contribuições e trajetórias relacionadas à instituição.

¹¹ Mestre Capela fala de sua vida em Uberlândia e suas memórias. Disponível em http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/programa-close_carnaval-92-mestre-capela/.

¹² Mestre Lotinho fala da origem do carnaval antes da formação das escolas de samba em Uberlândia. Disponível em: http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/programa-close_carnaval-92-mestre-lotinho/.

¹³ Velha guarda da Escola Garotos do Samba, contando sobre as histórias do grupo. Disponível em: <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/garotos-do-samba/>.

¹⁴ Figuras políticas e não políticas que falam da importância do Jornal Correio. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/tour/sala-jornal-correio/>.

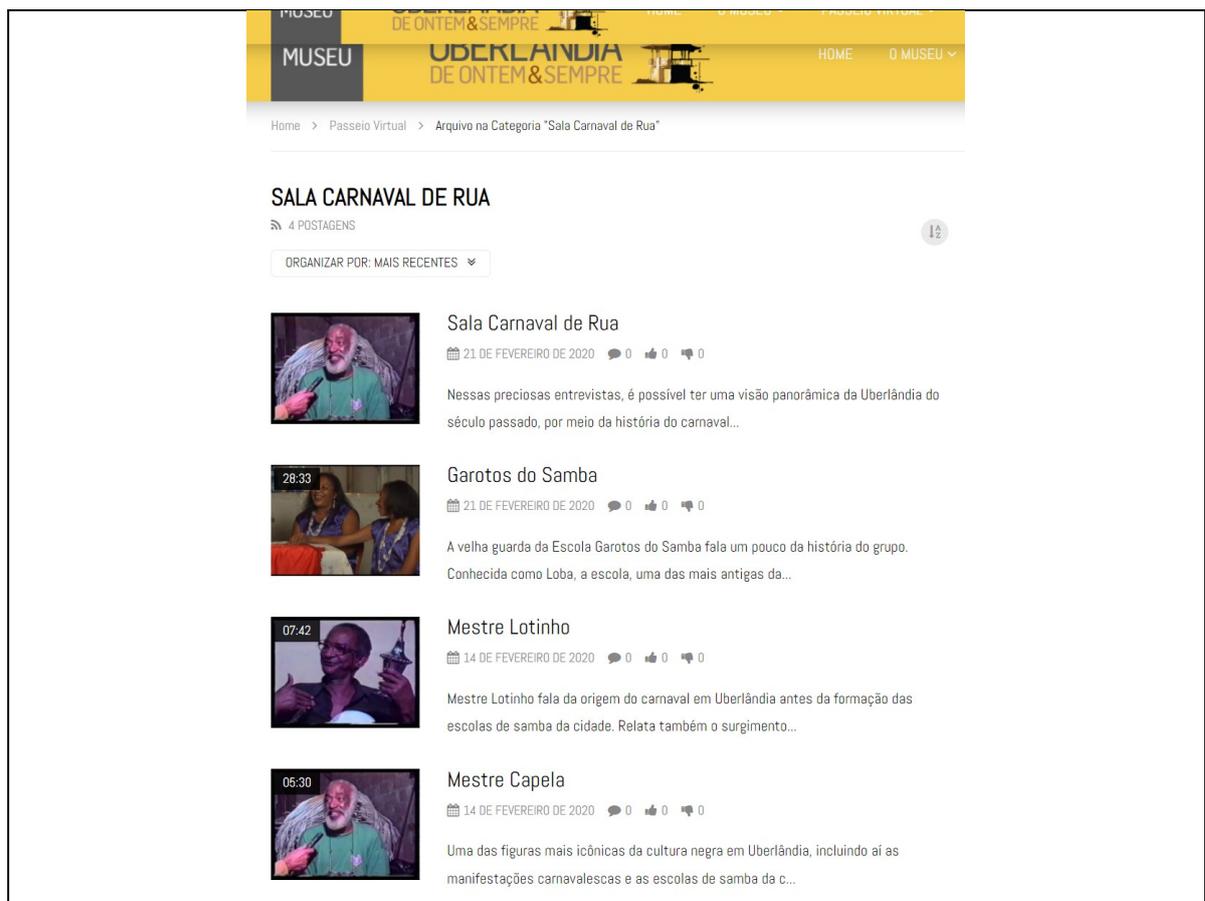
¹⁵ Ex-professores da instituição Liceu de Uberlândia. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/tour/sala-liceu-de-uberlandia/>.

Imagem 10 – Sala Reclames do Rádio.



Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/tour/sala-reclames-do-radio/>

Imagem 11 – Sala Carnaval de Rua.



Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/tour/sala-carnaval-de-rua/>

Imagem 12 – Sala Jornal Correio.

Home > Passeio Virtual > Arquivo na Categoria "Sala Jornal Correio"

SALA JORNAL CORREIO

5 POSTAGENS

ORGANIZAR POR: MAIS RECENTES

Sala Jornal Correio de Uberlândia
17 DE FEVEREIRO DE 2020

Mais que tinta e celulosa o jornal Correio de Uberlândia foi o espírito de alguns jornalistas e escritores em entregar o melhor da h...

Antônio Andradá Prieto
17 DE FEVEREIRO DE 2020

Confira a parte 2 dessa entrevista

Bate Papo José Pereira Pires
17 DE FEVEREIRO DE 2020

Bate papo Waldir Melgaço – 2
17 DE FEVEREIRO DE 2020

O ex-deputado Waldir Melgaço fala sobre seu passado político no estado de Minas Gerais e sobre a Uberlândia do século passado. Melga...

Bate papo Waldir Melgaço
17 DE FEVEREIRO DE 2020

O ex-deputado Waldir Melgaço fala sobre seu passado político no estado de Minas Gerais e sobre a Uberlândia do século passado. Melga...

VOCÊ NO MUSEU PARTICIPE CONTRIBUA DE SUA SUGESTÃO

NUVEM DE TAGS

[cultura](#) [pintura](#) [Praia Clube](#) [Uberlândia de ontem e sempre](#) [Celso Machado](#) [Uberlândia arte](#)

REDES SOCIAIS

Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/tour/sala-carnaval-de-rua/>

Imagem 13 – Sala Liceu de Uberlândia.

Home > Passeio Virtual > Arquivo na Categoria "Sala Liceu de Uberlândia"

SALA LICEU DE UBERLÂNDIA

4 POSTAGENS

ORGANIZAR POR: MAIS RECENTES

Sala Liceu de Uberlândia
21 DE FEVEREIRO DE 2020

Um dos espaços mais emblemáticos de cidade, o Colégio Liceu, existente na primeira metade do século passado, trouxe novos parâmetros...

Professor Milton Porto
7 DE FEVEREIRO DE 2020

Arcelimo Pereira
6 DE DEZEMBRO DE 2019

O professor Arcelimo Pereira fala de sua participação no movimento estudantil na década de 1930, discorrendo também sobre os movimen...

Orlandi Viollatti
6 DE DEZEMBRO DE 2019

O professor de história Orlandi Viollatti, que veio de Araguari para Uberlândia com pouco mais de 20 anos, conta um pouco de sua tra...

VOCÊ NO MUSEU PARTICIPE CONTRIBUA DE SUA SUGESTÃO

NUVEM DE TAGS

[Praia Clube](#) [arte](#) [Celso Machado](#) [cultura](#) [almanaque](#) [uberlandia](#) [de ontem e sempre](#) [pintura](#) [Uberlândia](#)

Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/tour/sala-liceu-de-uberlandia/>

A página *Acervo* reúne quatro seções principais. Nessa página, estão contidos os acervos de toda a plataforma e são divididos por Imagens, Personagens, Histórias e Publicações. Esses materiais podem ser ordenados por data de publicação mais recente, mais curtidos e também pelo título, visando facilitar a procura do público em seus materiais. No total, a seção conta com 85 postagem de fotos, 10 postagem em revistas, 103 produções audiovisuais de personagens entrevistados e 333 postagens de matérias com diversos temas.

Imagem 14 – Página Acervo.



Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/fotos-antigas-da-cidade-que-fazem-parte-do-acervo-do-almanaque/>

Por fim, a plataforma conta também com local reservado para as oficinas que totalizam 9 postagens. Essas oficinas foram realizadas pensando em um público-alvo e com o apoio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura.

Imagem 15 – Página Oficinas.

Home > Arquivo na Categoria "Oficina"

OFICINA

3 POSTAGENS

ORGANIZAR POR: MAIS RECENTES

Contrapartidas sociais do projeto

Oficina Memória de Uberlândia (2020)
26 DE AGOSTO DE 2020
Oficina Memória de Uberlândia, voltada para professores da rede pública e privada de ensino.

Oficina de Jornalismo e Resgate de Histórias de Vida (2016)
4 DE NOVEMBRO DE 2016
Gestores do Museu Virtual de Uberlândia promovem oficina gratuita para estudantes. Nos dias 19 e 26 de novembro, a equipe do Museu Vi...

Resgate de Histórias de Vida
4 DE NOVEMBRO DE 2016
O Museu Virtual de Uberlândia foi criado em junho de 2015 e reconta em vídeo diferentes momentos da história da cidade. Periodicamen...

Oficina: Francisco Casemiro e suas lembranças da UFU
4 DE NOVEMBRO DE 2016
Francisco Casemiro, conhecido como França, trabalhou durante mais de 40 anos na Universidade Federal de Uberlândia. Nessa entrevista...

Oficina de Jornalismo e Resgate de Histórias de Vida (2015)
20 DE OUTUBRO DE 2015
A primeira edição da Oficina de Jornalismo e Histórias de Vida foi realizada em 2015 e contou com a participação de importantes prof...

Oficina de Jornalismo: entrevista com Durval Teixeira (1)
9 DE OUTUBRO DE 2015
Na primeira parte do programa Celso Machado entrevista o aviador Durval Teixeira, juntamente com os alunos que participaram da ofici...

Oficina de Jornalismo: entrevista com Durval Teixeira (2)
9 DE OUTUBRO DE 2015
O vídeo apresenta a segunda parte da entrevista de Celso Machado com o aviador Durval Teixeira, que foi gravada com a ajuda dos part...

Oficina de Jornalismo: entrevista com Durval Teixeira (3)
9 DE OUTUBRO DE 2015
O vídeo mostra a terceira parte da entrevista de Celso Machado com Durval Teixeira, que foi gravada com a participação dos alunos da...

TV Vitoriosa mostra trabalho da oficina de Jornalismo e Histórias de Vida
9 DE OUTUBRO DE 2015
No final de setembro, foi realizada a Oficina de Jornalismo e Histórias de Vida, uma contrapartida do projeto Museu Virtual Uberlând...

NUVEM DE TAGS
cultura pintura [celso machado](#) [duval teixeira](#) [oficina](#) [uberlândia](#) [de ontem e sempre](#) [arte](#)
[Praja Clube](#) [gestores](#) [publicações](#) [participantes](#)

REDES SOCIAIS
f i

NUVEM DE TAGS
cultura pintura [celso machado](#) [duval teixeira](#) [oficina](#) [uberlândia](#) [de ontem e sempre](#) [arte](#)
[Praja Clube](#) [gestores](#) [publicações](#) [participantes](#)

REDES SOCIAIS
f i

Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/oficina/>

1.2 Uberlândia de Ontem & Sempre: prática de memória e suas relações

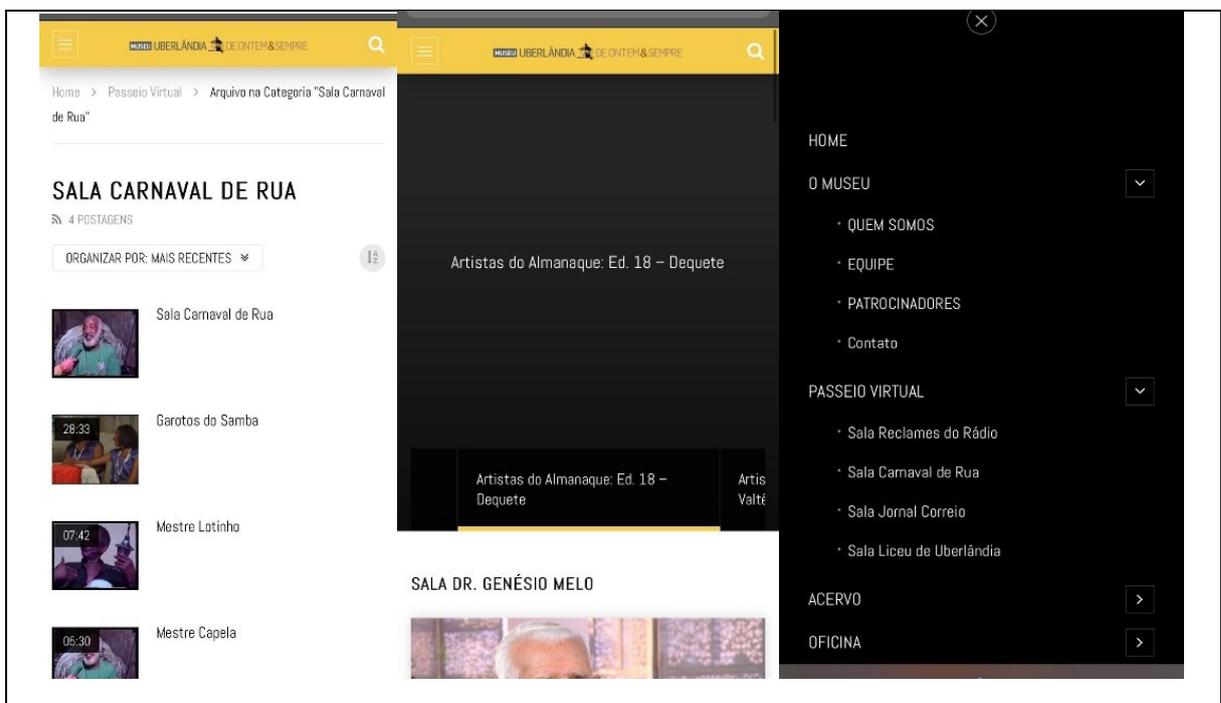
No acervo virtual Uberlândia de Ontem & Sempre é possível encontrar muitas histórias e publicações de diversas datas. A página trabalha com produções atuais e também com

restaurações antigas. Pela pluralidade de assuntos que existe na plataforma, o seu material pode atingir diversas pessoas que estão navegando na *internet* sobre determinado assunto, além disso, por ter bastante material disponível é atrativo para pesquisadores e estudantes.

O Museu Virtual é aberto ao público em geral e de fácil acesso desde que tenha conexão com a *internet*. As pessoas o procuram com finalidades distintas. O *layout* da plataforma é bastante interativo e intuitivo, e, além disso, em um mundo em que as pessoas estão sempre com seus celulares e utilizando-o para pesquisas, o Museu Virtual é completamente responsivo quando acessado na sua versão *mobile*.

Pensando em aumentar as visualizações do Museu Virtual a partir da maior facilidade de navegar na página, em entrevista para o programa Manhã Total¹⁶ no ano de 2019, Lucas Capra – arquivista e pesquisador – comenta sobre a alteração do *layout* e a produção de telas mais interativas que foram pensadas para que o usuário navegue de maneira mais confortável e assertiva; além disso, foi pensado em um roteiro de temas – como acontece em um museu físico – mais moderno e atualizado. Ao falar sobre a navegação na plataforma digital, Lucas Capra observa que muito conteúdo deixa o usuário perdido, que fica sem saber por onde começar, e que foi por isso que o Museu Virtual decidiu por uma inovação das salas virtuais enquanto um roteiro de visitação no conteúdo, tal qual ocorre em um museu físico.

Imagens 16, 17, 18 – Versão mobile do Museu Virtual *Uberlândia de Ontem & Sempre*.



¹⁶ Programa Manhã Total, TV Paranaíba.

Fonte:

O interesse em que um público cada vez maior visite a plataforma vem do objetivo de difundir mais informações sobre a cidade para as pessoas. A organização do Museu Virtual ajuda o usuário a encontrar com mais facilidade temas que são do seu interesse. O museu virtual é um espaço de educação não-formal deixa aberto que o seu público escolha o que quer visitar, segundo Denise Coelho Studart (2007):

[...] diferente do que acontece dentro das salas de aula, os visitantes não têm a “obrigação” de aprender algo. Seus conhecimentos não são postos à prova, e eles estão livres para fazer escolhas de acordo com suas preferências. O tipo de educação que se associa aos museus é mais participativo e descentralizado e, em certa medida, selecionada espontaneamente pelo próprio aprendiz, levado pelo interesse e pela motivação pessoal. (STUDART, 2007, p. 1).

Dessa forma, a plataforma se torna atrativa para um público-alvo que pode ser bastante diverso. O projeto Uberlândia de Ontem & Sempre conta com várias plataformas e meios de divulgações, que podem chegar em diferentes lugares, ainda mais se levarmos em conta que o meio digital ajuda muito na propagação e democratização do acesso à educação.

Pessoas de diferentes faixas etárias podem consultar o museu e chegam na plataforma incentivadas por diferentes interesses. O acervo seria estático se não houvesse pessoas com histórias reais para consumi-lo, da mesma forma que alguns materiais podem “não ter importância” se não conseguirmos pensar no processo que ele está envolvido. Para cada indivíduo, os materiais visualizados vão ter um significado que é oriundo de um processo em que esse sujeito social esteve inserido. Marilena Chauí (1995) enfatiza que “se o passado conta, é pelo que significa para nós. Ele é o produto de nossa memória coletiva, é o seu tecido fundamental”. Portanto, se o significado do passado para cada indivíduo pode ser visto de uma forma individual, esse produto é recorrente de uma memória que não é individual, mas faz parte de um processo coletivo e cultural, entre saberes transmitidos tanto em lugares institucionalizados de aprendizagem como também no dia a dia e em lugares informais, a partir do meio social que cada pessoa está inserida.

Conforme Silvia Lara (LARA, 1991), os museus são lugares de reverência à uma certa memória. As memórias do Museu Virtual são visitadas todos os dias por diversos grupos com seus objetivos de uso do material. Há pessoas motivadas por lembrarem um passado do qual fizeram parte, outras querem contar e mostrar a alguém determinados lugares e outros querem pesquisar histórias específicas. Há propagação por meio de professores que podem usar os

materiais da plataforma até mesmo como fontes em suas salas de aulas e também de pesquisadores interessados em usar os materiais como fontes ou material de apoio em suas pesquisas.

Em uma entrevista ao programa Manhã Total¹⁷, em edição que foi ao ar no dia 18 de junho de 2015, há a informação de que a cada nova postagem que o museu fazia várias pessoas entravam em contato com a organização, pois se identificavam e apontavam conhecidos nos materiais, remetendo-os a lembranças. Nessa mesma entrevista, a gestora do museu, na época Adriana Sousa¹⁸, relata que os vídeos com maior acesso e receptividade são os vídeos referentes a pessoas que se reconhecem nos vídeos ou reconhecem um local e data que passaram naquele mesmo lugar, e geralmente essas pessoas têm uma idade mais avançada. Essas pessoas costumavam entrar em contato com o Museu Virtual e relatar mais histórias referentes ao período e aos locais que lhes chamavam a atenção.

Algumas pessoas também demonstram interesse em procurar o local onde ficam guardados os materiais físicos do Museu Virtual de Uberlândia, como fitas e discos. Essas pessoas que vão ao acervo físico querem entender como é o processo de indexação e disponibilização do material na plataforma. Contudo, Adriana Sousa ressalta que o projeto do Museu Virtual é desenvolvido para ser totalmente digital, ou seja, os mesmos materiais disponíveis na unidade física estarão disponíveis na plataforma digital.

No caso das pessoas que se identificam com os materiais disponíveis no acervo, muitas vezes elas estão lidando com uma memória afetiva. A memória afetiva pode ser definida quando os sentidos das pessoas entram em contato com alguma coisa que desencadeia lembranças. Os materiais de um museu podem ter um impacto direto com a vida do seu público e transmitir informações de diversas formas. O que cada material significa para quem está consumindo é individual, mas foi construído através de uma cadeia de relações com elementos da sociedade. É importante pensar nessa cadeia de relações, o material não fala por si só, o museu também não. Há a questão das histórias e como se comunicam com as memórias da cidade de Uberlândia e também com suas culturas.

A plataforma é também visitada por estudantes que podem utilizar dos materiais disponíveis para alguma atividade escolar, por exemplo. Há a informação na plataforma virtual de que o *site* recebe dezenas de visitas diariamente, e inclusive é utilizado como ferramenta pedagógica. Pela pluralidade de assuntos, os materiais podem ajudar em diversas temáticas, e

¹⁷ Programa Manhã Total, TV Paranaíba.

¹⁸ Adriana Sousa é uma jornalista, participou da Oficina de Jornalismo e Resgate de Histórias de Vida (2015) em matéria exibida pelo programa *Uberlândia de Ontem & Sempre*, edição 502.

a forma de consumir esses materiais é distinta de aluno para aluno, tal como a forma como ele vai escolher abordar o conteúdo.

É importante ressaltar a importância de um aluno da Educação Básica ter acesso a esse conteúdo, pois ele vai descobrir diversos materiais que vão fazer parte da construção do seu aprendizado a partir de uma “teia” de vários outros aprendizados, colocados em um processo. Studart (2007) ressalta que as correntes mais recentes da museologia enfatizam justamente a importância social do museu como instrumento para a inclusão social e cultural, capaz de formar indivíduos criativos que possam exercer sua consciência crítica em relação a si mesmos e à sociedade em que se inserem.

Além dos públicos citados acima, a plataforma é rica de materiais para professores e pesquisadores. Esse público já assume uma posição de deter alguns conhecimentos que ajudam na filtragem e modo de uso dos materiais. Eles precisam olhar para a plataforma com uma visão mais questionadora, relacionando os materiais com a contextualização geral e fazendo as perguntas devidas para os materiais, principalmente se a finalidade for apresentar a algum grupo externo. Déa Ribeiro Fenelon (FENELON, 2004) cita E. P. Thompson que coloca que o trabalho de transformar evidências e registros da vida de sujeitos históricos em fontes é papel do historiador, envolvendo diferentes formas de indagar o social. Logo, o historiador tem um papel de fazer indagações para o objeto pesquisado, colocado dentro da metodologia escolhida para a pesquisa e/ou educação.

Percebe-se então que diversas pessoas podem consumir os materiais da plataforma e seus interesses podem ser oriundos de diversas razões. A visita a um museu, independente da sua finalidade, traz o conhecimento de muitos saberes e informações. A historiadora Silvia Lara (LARA, 1991) lembra que a visita a um museu ganha uma área de “atividade cultural”, no sentido difundido pelos meios de comunicação de massa: uma atividade “educativa”, “ilustrativa”. A interação entre o material do acervo e o público-alvo remete também ao conhecimento sobre cultura. Quando o público observa e reflete acerca de certo material, ele está se relacionando com uma história cheia de significados. Conforme Studart (2007), os museus podem exercer um papel importante ao oferecer aos seus visitantes a possibilidade de construir novos entendimentos sobre sua própria cultura e também a cultura de outros lugares, de outros tempos, de outros grupos sociais.

Celso Machado construiu um grande acervo pessoal de materiais, e, no decorrer de seu projeto, outras pessoas entraram em contato para repassar novos arquivos. Antes de pensarmos na finalidade da disponibilização do acervo, é interessante pensar acerca do hábito de colecionar

e montar um acervo. Segundo Andréa Falcão (2009), colecionar materiais e criar acervos próprios é uma prática que é feita há muitos anos na sociedade:

Poderíamos dizer que o hábito de colecionar determinados objetos remonta, poderíamos dizer assim, à pré-história, como testemunham os “sambaquis” encontrados em sítios arqueológicos. Conforme referências registradas em textos clássicos como em Homero e Plutarco, historiadores afirmam que já se encontravam na Antiguidade, coleções de objetos de arte ou de materiais raros ou preciosos. Sabemos também que reunir obras de arte, durante a Idade Média, era visto como uma demonstração de prestígio. (FALCÃO, 2009, p. 10).

Sendo assim, o portal com imagens, vídeos e histórias conhecidas como Museu Virtual advém dessa prática de colecionar, e, pelo fato de o acervo ter se transformado em um museu, ele está aberto a visitas virtuais e também às pessoas que tenham interesse em colaborar com o acervo, enviando novos materiais. O acervo privado de Celso Machado se transformou em um espaço onde o passado é mostrado ao público, um museu. Falcão (2009) complementa:

Embora os museus sejam um dos dispositivos privilegiados através dos quais o passado é apresentado ao público, não podemos esquecer que isso é feito por uma diversidade de instituições, meios e práticas. No entanto, não podemos perder de vista que, como instituição dedicada à memória e à celebração do passado, os museus desempenham um papel fundamental na construção de ideologias e identidades nacionais e sociais. (FALCÃO, 2009, p. 10).

Portanto, o museu não é apenas um lugar em que o público visita para conhecer sobre o passado, através de um acervo. O museu está ligado a construções de ideologias e identidades, e é uma peça fundamental da sociedade. No próximo capítulo, será discutida a relação entre museu e educação, considerando práticas educacionais ligadas a museu, em especial ao Museu Virtual de Uberlândia.

A intenção do Museu é ter cada vez mais visibilidade, para que mais pessoas o conheçam e tenham informações sobre a cidade de Uberlândia. As exposições físicas têm o cuidado de pensar em uma metodologia de aprendizagem relacionada com a forma com que os materiais são colocados e também com a abordagem dos temas. O Museu Virtual apresenta também esse cuidado, pensando em como os materiais são expostos na plataforma digital – como mencionado anteriormente por meio da fala de Lucas Capra –, pois deve indagar o leitor a não se fechar apenas em um material, mas navegar através das histórias colocadas ali, e gerar mais interesses no público. Studart (2007) entende que o desafio da metodologia de aprendizagem

no museu é conseguir usar a sensibilidade e a provocação como matérias-primas para novas percepções.

O Museu Virtual é divulgado por algumas plataformas e também tem alguns patrocinadores, o que fomenta mais recursos e visibilidades. Os patrocinadores divulgam o Museu e colaboram financeiramente para a criação de novos projetos voltados para a plataforma.

Em entrevista para Paulo Petri¹⁹, Celso Machado fala do início dos registros por meio de produções audiovisuais e relata os momentos mais marcantes. Defende que todas as conversas têm seu significado e são importantes, mas faz questão de destacar uma das entrevistas que realizou com políticos de Uberlândia, que foi com Virgílio Galassi²⁰, referindo-se a essa entrevista como uma das mais ricas da história de Uberlândia. Também relembra do “bate papo” com o paisagista Eder, referindo-se a ele como alguém com uma história de vida que emociona.

Entre várias publicações do Museu Virtual, é importante indagarmos: será que há algum tema e/ou personagem e assuntos que aparece mais vezes?

O acervo tem uma divisão: imagens com 85 publicações, matérias com 333 publicações, personagens com 106 publicações e as publicações em revistas, com 8. As matérias são os materiais mais recorrentes da plataforma, e abordam diferentes temáticas. Essas matérias contam histórias sobre lugares e pessoas, como, por exemplo, as Escolas Estaduais Enéas de Oliveira Guimarães e Bueno Brandão, edifícios, igrejas, entre outros. No Museu, essas matérias são descritas como “Matérias que resgatam a história da cidade, de maneira geral”.

O segundo material mais recorrente da plataforma são os personagens. São entrevistas realizadas por Celso Machado com diversas pessoas que têm relação com Uberlândia e, na organização do material exposto, costumam em sua maioria ter apenas uma parte, mas há exceções para entrevistas que têm até três partes. As entrevistas são realizadas com pessoas conhecidas e também com pessoas anônimas: as pessoas conhecidas muitas vezes são políticos ou empresários importantes para a cidade, e as anônimas sempre têm histórias relacionadas para a contribuição da cidade, de alguma forma.

A principal característica que vemos nas temáticas é o “trabalho”. A maioria das pessoas entrevistadas são conhecidas a partir do trabalho que desenvolveram ou desenvolvem em Uberlândia. Esses vídeos não são longos, em média tem cinco minutos, e o entrevistado relata sobre sua vida e sua participação na cidade de Uberlândia.

¹⁹ Paulo Petri foi um dos idealizadores do programa *Uberlândia de Ontem & Sempre*.

²⁰ Virgílio Galassi foi prefeito de Uberlândia por quatro mandatos.

Imagens 19, 20, 21 – Seções do Museu Virtual que mostram materiais do acervo.

MATÉRIAS
333 POSTAGENS

ORGANIZAR POR: MAIS RECENTES

Matérias que resgatam a história da cidade, de maneira geral

03:29 **A arte da tecelagem**
8 DE SETEMBRO DE 2016

Elas aprenderam a tecer com as mães e avós. Faziam colchas, tapetes, peças para enovael. Com suas mãos hábeis e conhecimentos antigos...

22:25 **Uberlândia, cidade menina.**
25 DE AGOSTO DE 2016

O filme mostra a cidade de Uberlândia, provavelmente na década de 1940. Cenas de prédios, praças, empresas. Foi recuperado pela Clos...

04:28 **O Hino de Uberlândia e seus criadores**
25 DE AGOSTO DE 2016

Foto da Catedral de Santa Terezinha, quando ainda era um dos prédios mais altos do centro de Uberlândia. Foto de Oswaldo Naghietini...

Santelmo Souto e o Rei Pelé
11 DE AGOSTO DE 2016

Registro da visita do jogador Pelé ao Praia Clube, em registro do fotógrafo Santelmo Souto, na década de 1980.

Rondon Pacheco na inauguração da FIAT, em Betim
7 DE JULHO DE 2016

Rondon Pacheco (à direita) governador de Minas Gerais na inauguração da fábrica da Fiat em Betim, MG, 1974. Acervo Rondon Pacheco. F...

Rondon Pacheco e Milton Campos
7 DE JULHO DE 2016

Milton Campos (à dir.) cumprimenta Rondon Pacheco, por ocasião de sua posse como Governador do estado de Minas Gerais. Belo Horizont...

Rondon Pacheco na abertura da IV Feniub
7 DE JULHO DE 2016

Rondon Pacheco e Renato de Freitas na IV Feniub (Feira Nacional da Indústria de

Samuel Vital Ferreira, trabalhou na primeira gestão da autarquia Dmae, fala de uma época quando o abastecimento de água não era por...

Bate Papo José Pereira Espíndola
5 DE JUNHO DE 2020

O ex-diretor do Dmae, José Pereira Espíndola, fala sobre as origens do Departamento Municipal de Água e Esgoto de Uberlândia, o Dmae...

Bate papo Durval Garcia
15 DE MAIO DE 2020

Ordenado padre em 1951 e renunciando ao ministério sacerdotal na década de 1980 para contrair matrimônio, Durval Garcia conta de sua...

Bate papo Zaire Rezende
15 DE MAIO DE 2020

O ex-prefeito Zaire Rezende fala sobre sua trajetória política, tendo sido duas vezes prefeito e três vezes deputado federal. Ele co...

Registros para Sempre

Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/bate-papo/>

Temos também as imagens e publicações em revistas que contém uma quantidade menor de materiais na plataforma. Não há muitas entrevistas repetidas, mas acontece bastante de um personagem de uma entrevista específica aparecer, ao mesmo tempo, na entrevista e nas fotos, por exemplo.

É notável que a plataforma tem muito conteúdo redirecionado para a história política da cidade. As figuras, como prefeitos e deputados que fazem parte da cidade de Uberlândia, aparecem de forma recorrente, em uma abordagem que se direciona para demonstrar melhorias e preocupações para a cidade.

Imagem 22 – Seção Publicação, categoria “Revistas”.

	<p>Família Freitas: origem rural, força na política e na cultura de Uberlândia</p> <p>📅 7 DE AGOSTO DE 2015 💬 8 👍 0 🗨️ 0</p> <p>Os primeiros Freitas chegaram à São Pedro do Uberabinha ainda em 1901. Inicialmente dedicados à agricultura e pecuária, participaram...</p>
	<p>Família Marquez: tradição na cultura e na política</p> <p>📅 31 DE JULHO DE 2015 💬 0 👍 0 🗨️ 0</p> <p>A família Marquez começou a chegar em São Pedro do Uberabinha no final do século XIX. Marcou presença em diferentes campos, como agr...</p>
	<p>Família Cotta Pacheco: participação ativa na vida da cidade</p> <p>📅 27 DE JULHO DE 2015 💬 0 👍 0 🗨️ 0</p> <p>Uberlândia tem pelo menos duas grandes avenidas com o sobrenome Cotta Pacheco (homenagem a Belarmino e Raulino) e uma com o sobrenom...</p>
	<p>Família Carrejo: fundadores de Uberlândia</p> <p>📅 16 DE JULHO DE 2015 💬 0 👍 0 🗨️ 0</p> <p>Os irmãos Carrejo chegaram ao antigo Sertão da Farinha Podre em 1832. Estabeleceram-se na sesmaria D'Água. Felisberto Ca...</p>
	<p>Família Pavan: uma história marcada pela música</p> <p>📅 9 DE JULHO DE 2015 💬 1 👍 0 🗨️ 0</p> <p>Angelino Pavan nasceu em Uberaba, em 1900. Aos 15 anos chegou a São Pedro do Uberabinha, onde construiu sua história. Participou ati...</p>
	<p>Entrevista com Nalva Aguiar</p> <p>📅 9 DE JULHO DE 2015 💬 0 👍 0 🗨️ 0</p>
	<p>Família Rodrigues Chaves</p> <p>📅 8 DE MAIO DE 2015 💬 0 👍 0 🗨️ 0</p> <p>Camilo Rodrigues Chaves foi escritor, político e líder espiritual. Entre as curiosidades de sua biografia, ele foi autor do carinhos...</p>

Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/categoria/revistas/>

CAPÍTULO 2

O Museu Virtual de Uberlândia e a aprendizagem em História

2.1 As propostas Museu Virtual de Uberlândia para a aprendizagem em História

A sala de aula é um ambiente que tem por finalidade ser um local de troca de conhecimentos e aprendizagem, é nesse espaço que muitas pessoas passam – ou deveriam ter a oportunidade – anos de suas vidas, aprendendo sobre diversas áreas e socializando com os outros alunos. Na teoria, ministrar aulas compreende uma organização onde o professor pesquisa sobre o conteúdo a ser ministrado, organiza seus materiais e a metodologia a ser utilizada, pensando no ambiente e no perfil de seus alunos. Além disso, é pressuposto que no momento da aula seus alunos irão interagir com a metodologia proposta, e que o ambiente terá uma arquitetura boa e funcional para trabalhar com os materiais escolhidos pelo professor. Contudo, a prática pode ser um pouco diferente do que foi planejado.

Com o objetivo de apresentar o material do Museu Virtual como parte de um processo de aprendizagem nas escolas, é preciso retomar uma discussão sobre o ensino de História no Brasil, para pensarmos o processo que a educação passou até os dias atuais, onde temos a possibilidade de trabalhar com esse material a partir de um olhar crítico e questionador. Conforme Bittencourt (2018), o ensino de história durante o século XIX e, nas primeiras décadas do século XX, foi efetivado a partir de projetos elaborados no processo de constituição do Estado nacional. Os conceitos como “civilização” e “progresso” – conceitos que foram contestados posteriormente – eram fundamentais no ensino de História. O ensino de História foi marcado por programas curriculares com o objetivo explícito de sedimentar uma identidade nacional e com o intuito de justificar o predomínio de uma política oligárquica.

Bittencourt afirma que foi a partir dos anos 1950 que se intensificou a formação de professores que proporcionasse uma convivência com pesquisas das faculdades de Filosofia e Ciências Humanas, mas a renovação do ensino de História no Brasil teve que esperar a década de 1980, por causa do regime militar ditatorial. Contudo, em 1980, veio a urgência de introduzir conteúdos para o estímulo de alunos, e propostas para a produção da história socio cultural. A

autora ressalta a importância da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, e a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, de 1998, para mudanças significativas:

De forma inédita, como fruto das lutas de movimentos sociais foram introduzidas a História da África e das culturas afro-brasileiras e a História dos indígenas por intermédio das leis 10.639/03 e 11.645/08, que estão em processo de integração em currículos ainda submetidos à lógica eurocêntrica, mas que anunciam uma formação política e cultural para o exercício de uma cidadania social com vistas a um comício sem preconceitos e democrático. (BITTENCOURT, 2018, p. 142).

A História sempre foi discutida, e teve várias propostas para seu ensino. Elas foram movidas por interesses diversos, e citar algumas mudanças de abordagem que aconteceram intensifica a importância de discutir sobre a usabilidade de materiais na sala de aula e a importância de uma abordagem crítica, que durante muito tempo foi censurada. Além disso, muitos documentos apenas faziam parte da história para legitimar uma visão política predominante, não sendo possível refutar esses documentos ou questionar seus objetivos.

O professor encontra diversos desafios quando inicia sua carreira na docência, e esses desafios vêm principalmente das “coisas não planejadas” que acontecem no ambiente escolar. Para lidar com esses desafios, é essencial um plano de aula. O plano de aula deve ser pensado de acordo com o perfil da turma, e, se preciso, passar por adaptações. Além disso, é nesse documento que vai estar o registro de sua seleção de conteúdos a serem trabalhados e a forma de abordagem deles. Sobre a escolha dos conteúdos, Bittencourt (2008) lembra:

Atualmente, uma das maiores dificuldades dos professores de História é selecionar os conteúdos históricos apropriados para as diferentes situações escolares. A autonomia do trabalho docente inclui, entre outros aspectos, a escolha dos conteúdos históricos para as diferentes salas de aula. Trata-se de optar por manter os denominados conteúdos tradicionais ou selecionar conteúdos significativos para um público escolar proveniente de diferentes condições sociais e culturais e de adequá-las a situações de trabalho com métodos e recursos didáticos diversos. (BITTENCOURT, 2018, p. 137).

Durante a graduação em História, os(as) estudantes que se interessam por seguir a área da licenciatura já escutam os problemas que eles podem enfrentar e as dificuldades que existem na educação no Brasil. Esses problemas, além de mencionados pelas pessoas da área de educação, também são observados durante os estágios obrigatórios da licenciatura. Os estágios obrigatórios são previstos para todo curso que tem licenciatura e são importantes, pois

colaboram com a formação do profissional da educação, que está em processo de aprendizagem teórica do ensino e tem uma aproximação com a prática a partir dos estágios.

Entre um dos problemas enfrentados no cotidiano escolar, destaca-se a infraestrutura de uma escola pública, que pode apresentar problemas e atrapalhar o andamento da aula. Uma boa infraestrutura escolar é um aparato muito propício para aulas mais elaboradas e permite que o professor trabalhe com uma diversidade maior de materiais. Sobre o impacto da estrutura de uma escola no processo de aprendizagem dos alunos, fica a questão: quando pensamos, então, em uma escola que disponibiliza um *datashow* e uma boa ventilação, por exemplo, e outra escola que não contém essas características, mas apenas quadro e giz, qual dessas instituições permite que o professor incorpore materiais *online* em suas aulas?

Para trabalhar na sala de aula com materiais do acervo disponível no Museu Virtual Uberlândia de Ontem & Sempre, é preciso ter *internet*, computador e *datashow* – tal como local adequado – para apresentar a plataforma aos alunos e posteriormente fazer um trabalho com eles. Logo, antes de adentrar a sala de aula o professor deve pensar em como vai apresentar esses materiais para os alunos, levando em consideração a disponibilidade dos materiais citados acima. Não é incomum que professores utilizem seus próprios equipamentos para garantir uma aula com propostas diferentes, contudo não é o ideal. É importante uma reflexão sobre a lacuna que a desigualdade social causa no ensino, para iniciarmos uma discussão acerca de escolas que trabalham somente com os materiais tradicionais – livros didáticos – por falta de estrutura.

Ao falarmos sobre educação, é difícil não falar sobre sua relação com a desigualdade social, uma vez que ela afeta diretamente a forma com que a criança e adolescente vão experimentar a escola e viver o processo de aprendizagem. Como mencionado anteriormente, a estrutura física das escolas se altera bastante de uma para outra, tal como o cotidiano dos alunos que frequentam essas diferentes escolas. Um adendo aqui para o agravante que vem sendo a pandemia de COVID-19 desde o ano de 2020, que ainda está em curso, e que escancarou ainda mais essa desigualdade. Como alternativa de continuidade de trabalho e de oferta de ensino, as escolas aderiram ao formato de ensino remoto, mas esse formato requer um aparato material bom para que o aluno tenha acesso às aulas e à *internet*. Contudo, não são todas as crianças e todos os adolescentes que dispõem dessas ferramentas, e, por essa razão, por falta de acesso aos meios digitais, tem-se visto a significativa queda na frequência dos alunos às atividades escolares.

No Estatuto da Criança e do Adolescente, que contém as normas que tem por objetivo proteger crianças e adolescentes, é garantido por lei que toda criança tem o direito a educação e a lazer, mas, na prática, muitas crianças passam diversas dificuldades, entre elas até a de se

alimentarem. Miguel Arroyo, ao discutir sobre o campo dos direitos – que segundo o autor é repleto de avanços, ameaças e recuos – coloca algumas questões para reflexão:

Nesse quadro de tensas disputas no campo dos direitos, como fica o direito de todos à educação? Estaríamos de volta? Conseguimos fazer da escola um tempo-espaço de garantia desse direito ou ainda é condicionado a processos, práticas e rituais excludentes? Os persistentes milhões de crianças e adolescentes, de jovens e adultos, sobretudo populares, truncados em seus percursos escolares, não mostram que o direito à educação ainda não está consolidado? Que está ameaçado? (ARROYO, 2009, p.129).

Temos um problema na educação que vai além do fator comportamental, e não deve ser deixado de fora quando falamos sobre os problemas na educação e pensamos em formas de inovar na sala de aula, criando novas formas de trabalhar diferentes materiais. Apesar da visita aos materiais digitais para a prática do ensino estar crescendo cada vez mais, há grupos que não conhecem esses materiais por falta de recursos físicos, recursos financeiros, recursos técnicos.

Refletir sobre os “problemas da educação” implica pensar sobre a relação entre aluno e escola. Em uma parte do livro *A reconfiguração da escola: entre a negação e a afirmação de direitos*, Bernard Charlot (2009) apresenta o processo de desenvolvimento de uma pesquisa sobre a construção social do fracasso escolar, que questionou, a partir do ponto de vista dos próprios alunos, o que um aluno deve fazer e entender para ter êxito na escola:

Mostramos que, para muitos alunos, mesmo na classe média, a escola passou a ser apenas um lugar a ser frequentado para “ter um bom emprego mais tarde” e onde se deve fazer o que a professora disser que tem que ser feito. Que muitos consideram que quem é ativo no ato de ensino/aprendizagem é a professora, devendo somente o aluno “não bagunçar, não brincar, não brigar, mas sim “escutar a professora”. (CHARLOT, 2009, p. 32).

Após uma breve contextualização sobre as dificuldades do ensino no Brasil, devemos atentar para formas e discussões que existem que visam transformar o cenário atual. Alguns pesquisadores estudam melhores didáticas e formas de abordagem dentro da sala de aula, com o objetivo de contornar situações adversas. Uma das mais recorrentes reclamações dos professores é sobre o comportamento de crianças e adolescentes que não se mostram interessados na aula que está sendo ministrada, promovem certa bagunça, com conversas paralelas, e acabam por fazer com que a aula “fuja” do que havia sido planejado no plano de ensino. Logo, uma das preocupações dos professores é pensar em formas de prender a atenção dos alunos e fazer eles se interessarem pela atividade proposta.

Tratando com o foco no ensino de história, há um desafio específico, de não ensinar conteúdos tal como vem explicando a historiografia clássica. Essa perspectiva ainda é bastante difundida nas escolas, principalmente pelo meio mais usado: os livros didáticos. O livro didático é um material gratuito e distribuído nas escolas, nele há textos, imagens e questões. A história dos “vencedores”, pautada nessa historiografia clássica dos grandes fatos e heróis da história está contida em muitos desses livros. As imagens, por exemplo se repetem bastante entre os livros que contêm essa abordagem, como é o caso da reprodução da pintura sobre a primeira missa no Brasil²¹. Outra característica presente nos livros didáticos é a prática de uma abordagem cronológica, passando a ideia de que a História é uma linha reta de fatos. Sobre os livros de História no Brasil, Circe Bittencourt (2018) aponta que, no final do século XVIII, foi criada uma forma de escrita da história, chamada “narrativa cronológica”, que foi fundamental para sistematizar a história das novas nações modernas, e tal concepção serviu para a constituição do ensino da história escolar, conforme encontramos nos livros de História do Brasil no início do século XIX.

Aceitar ensinar apenas a vertente historiográfica presente no livro como verdade absoluta da história do Brasil e do mundo não é o ideal para a construção de um processo de aprendizagem pautado na criticidade. A nova vertente historiográfica aponta para um ensino que olha todos os sujeitos como agentes da história e para sua importância. As historiadoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto indicam que o seguinte objetivo para o ensino de história dentro da sala de aula:

Assim nossas ações tiveram como motivação fundamental recuperar princípios e práticas que propõem o ensino de História como espaço de descoberta do mundo, das contingências e das possibilidades das temporalidades, de enriquecimento de habilidades de pensamento e reflexão crítica e de construção de referências humanísticas para professores e alunos. (CRUZ; PEIXOTO, 1998, p. 417).

Nesse sentido, a problematização é algo que faz parte do processo de entender História. Ensinar, para o aluno, a importância de problematizar e questionar sobre o que lhe envolve faz parte de contribuir com o processo de conhecimento desse aluno. Tudo o que é colocado como “verdade absoluta” deve ser investigado, e há um processo para que o aluno compreenda que

²¹ Primeira Missa no Brasil: considerada a primeira grande obra do pintor Victor Meirelles, óleo sobre tela do gênero histórico, data de 1861. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/primeira-missa-veja-8-curiosidades-sobre-obra-de-victor-meirelles.phtml/>.

vídeos, imagens e jornais estão contidos em um contexto específico, com objetivos colocados no momento de sua criação.

Pensando no uso do acervo digital em uma possível abordagem na sala de aula, é preciso trazer esses materiais questionando de onde são e a finalidade de suas existências. Além disso, outra questão é a necessidade de fazer uma relação do que é apresentado ao aluno com a sua realidade. Essa aproximação entre aluno e história é importante para que ele tenha noção que é também sujeito de sua própria história, como apontam as autoras do livro *Ensino de história: revisão urgente*:

Essa história, que exclui a realidade do aluno, que despreza qualquer experiência da história por ele vivida, impossibilita-o de chegar a uma interrogação sobre sua própria historicidade, sobre a dimensão histórica de sua realidade individual, de sua família, de sua classe, de seu país, de seu tempo. Essa história torna “natural” o fato de o aluno não se ver como um agente histórico, torna-o incapaz de colocar questões ou de perceber os conhecimentos que, a partir de suas experiências individuais, possam ser base de discussão em sala de aula. (CABRINI et alii, 2004, p. 34).

O acervo digital pode ser utilizado para esse exercício importante de indagação das fontes e também é um material diferente para ser trabalhado nas escolas. Além disso, em muitas das imagens e vídeos existem locais conhecidos da cidade de Uberlândia, a partir dos quais os alunos da cidade podem sentir uma aproximação com o material apresentado. As práticas culturais ressaltadas nas salas do Museu Virtual também podem servir de ponto de partida para o exercício de indagação, para indagar experiências dos alunos, por exemplo, ao trabalhar com as escolas de samba de Uberlândia com o uso das entrevistas do Museu, questionar os alunos se eles têm contato com alguma escola, gerando uma troca de conhecimentos entre os próprios alunos.

A forma mais usual de ministrar uma aula é utilizando, como metodologia, a aula expositiva. É uma aula onde o professor expõe sobre um assunto, trazendo a explicação sobre algum fato histórico. Essa aula pode implicar também em um diálogo entre a turma, nomeado como aula expositiva-dialogada. Como mencionado anteriormente, uma alternativa de material para chamar a atenção dos alunos para uma metodologia diferente, não utilizando apenas o livro didático, é usar as ferramentas disponibilizadas pelo Museu Virtual de Uberlândia. Nesse sentido, pensar em utilizar, por exemplo, o Museu Virtual como ferramenta pedagógica parece ser uma ideia frutífera, pois trazer para sala de aula esses materiais diferentes pode gerar uma curiosidade nos alunos e se tornar uma oportunidade para iniciar a aula a partir do exercício da indagação.

Como primeira questão a ser colocada quando pensamos na relação entre museu e docência, é a consideração de que a escola e os museus têm objetivos diferentes e propõem modos de aprendizagem diferentes também. Apesar de poderem ser usados em conjunto, cada um tem sua particularidade. Dito isso, é importante acompanhar o que Helena Maria Araújo (2006) afirma enquanto um dos motivos pelos quais os professores procuram os museus – lugares educativos não-formais – para auxiliar no processo de aprendizagem:

Vários motivos levam os professores a buscar os espaços educativos não-formais como lugares alternativos de aprendizagem. Dentre tais objetivos estariam a apresentação interdisciplinar dos temas, a interação com o cotidiano dos estudantes e, por fim, a possibilidade de ampliação cultural proporcionada pela visita. (ARAÚJO, 2006, p. 1).

As seções do Museu Virtual detalhadas no primeiro capítulo desse trabalho têm um conteúdo que pode ser aproveitado por professores e estudantes de História. Esse material, se trabalhado de forma correta, pode ser utilizado dentro da sala de aula, propiciando, além de uma aula dinâmica uma reflexão sobre diversos pontos com que o material está relacionado. Os vídeos, as gravuras e os documentos podem ser usados para fomentar uma discussão acerca da cidade, da memória e da história.

A primeira possibilidade ao se trabalhar com o Museu Virtual é questionar a plataforma como um todo, questionando sobre como surgiu e com qual intuito surgiu. Dessa forma, ao apresentar algum material do Museu em sala de aula, o aluno já terá a noção de porque aquele material está disponível na plataforma. Falando especificamente da utilização do acervo, temos diferentes tipos de materiais disponíveis, como fotografias, vídeos e jornais. Para todos esses materiais, o olhar do aluno tem que ser orientado a questionar e pensar nos “porquês” que o material produz.

2.2 Qual o intuito da plataforma digital?

A discussão acerca do uso das plataformas digitais pelos professores nas salas de aulas é seguida de indagações e tem relações com problemáticas sociais e de aprendizagem. Em uma sociedade caracterizada por Marcos Silva (2012) como “sociedade da informação”, onde, em tese, o acesso à informação ficou mais fácil e rápido, por conta da facilidade e rapidez que as informações são colocadas na rede e acessadas pelos seus usuários, é preciso fazer questionamentos sobre como o professor pode utilizar esse aparato para constituir uma aula mais rica e interessante.

De fato, os museus digitais possibilitaram uma democratização maior para acesso a obras e acervos que, a depender da escola levar seus alunos ao museu físico, facilita bastante a visita. Contudo, isso não quer dizer que essa ampliação do acesso a materiais via plataforma *online* possa abranger todos os alunos e todas as classes sociais. Nesse sentido, nesse capítulo será discutido como memórias e histórias presentes, especificamente, no Museu Virtual Uberlândia de Ontem & Sempre, podem ser utilizadas pelos docentes e quais problematizações trazem consigo.

A priori, é importante refletir sobre como essas plataformas digitais vêm ganhando cada vez mais espaço na sociedade e sendo utilizadas como ferramentas pedagógicas. Silva (2012) relata que, no ano de 2006, ao pesquisar sobre Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil, realizado pelo CGI.br (Comitê Gestor de *Internet* no Brasil), ele obteve a informação de que 19,6% dos domicílios brasileiros possuíam computador e 14,5% dos domicílios brasileiros possuíam acesso à *internet*. Com isso, observamos que a porcentagem não abrangia nem metade da população no Brasil. A partir disso, Silva (2012) constata que há uma crescente inclusão digital da população, apesar de que ela acontece de forma lenta.

Carlos Ferreira (2007) debate acerca de um tema necessário, sobre as novas formas didáticas e metodológicas para o ensino de história, e chama a atenção para o fato de que o ensino de história deve estar atento para mudanças que advém da presença da tecnologia, mas que a utilização de recursos tecnológicos sem nenhuma preparação não é garantia de uma boa aprendizagem.

Aliado a estes recursos, o professor deve ter domínio dos conteúdos e das diversas metodologias, dentre as quais possa escolher a que melhor se aplica à construção do conhecimento histórico. (FERREIRA, 2007, p. 147).

Podemos observar *sites* específicos para o uso do aluno, e também plataformas para aprimoramento de formação do próprio professor. Como exemplo de um espaço virtual de aprendizagem profissional da docência, cito as autoras Aline Reali e Maria Mizukami (2009), que apresentam a importância de as escolas de educação básica investirem na participação de professores em espaços virtuais de aprendizagem como uma estratégia de um ensino que promova a aprendizagem dos alunos voltado para a vida além da escola. Para isso, as autoras utilizam de um programa de apoio aos educadores:

Para isso, levamos em conta algumas ações realizadas pelo “Programa de apoio aos educadores: Espaço de desenvolvimento profissional” (Reali e Tancredi, 2003). Mais especificamente, trata-se de um portal na internet que

tem como um de seus objetivos principais fomentar o desenvolvimento profissional de professores da educação básica (<http://www.portaldosprofessores.ufscar.br>) com auxílio de profissionais experientes da rede pública de ensino e da própria universidade, alunos de pós-graduação da UFSCar – professores em diferentes fases da carreira docente e níveis de ensino e outros agentes educacionais. (MIZUKANI; REALI, 2009, p. 81).

O portal dos professores é um exemplo de plataforma a ser utilizado pelo professor para o seu próprio desenvolvimento, e exemplifica como as plataformas digitais estão alcançando espaço no meio pedagógico. Contudo, nesse trabalho, temos a abordagem de plataformas que podem ser usadas pelo professor com seus alunos nas salas de aula. A partir dessa perspectiva, o crescimento do acesso da população aos meios digitais tem também seu reflexo na visita de *sites* de museus que contêm seus acervos digitais disponibilizados para um público diverso. O Museu Virtual Uberlândia de Ontem & Sempre pode ser usado com finalidades educativas pelos professores, que devem escolher como trabalhar com os materiais presentes na plataforma.

Levando em conta que a plataforma digital Museu Virtual Uberlândia de Ontem & Sempre pode contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos, pois proporciona a ampliação da gama de materiais disponíveis para pesquisas de diversas temáticas, é também possível levantar algumas problemáticas. De que maneiras as memórias e histórias da plataforma são contadas? Como o professor deve lidar com a maneira com que são contadas em sala de aula? Como incentivar indagações sobre o objetivo de a plataforma disponibilizar seus materiais? Existe uma melhor forma de abordar esses materiais em sala de aula? Como lidar com os alunos que em casa não tem acesso a essas fontes disponibilizadas na *internet*? Como fazer uma aproximação entre as memórias trazidas pelos conteúdos digitais e a vida dos alunos, uma vez que se sintam parte da história e ela não seja um tema distante? Qual diferença de abordagem o professor deve ter para cada tipo de material diferente disponível?

Para o debate acerca das questões levantadas nesse tópico, devemos pensar sobre a importância dessas questões que estão intrinsicamente relacionadas com a importância da utilização das aulas de história como um espaço de formação da consciência histórica. Segundo Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Garcia (2005):

A consciência histórica funciona como um “modo específico de orientação” nas situações reais da vida presente, tendo como função específica ajudar a compreender a realidade passada para compreender a realidade presente. (GARCIA; SCHMIDT, 2005, p. 301).

A consciência histórica é composta pelo compartilhamento de experiências individuais e coletivas, e leva em consideração a relação dos sujeitos com diversas áreas de ensino. Ainda segundo Schmidt e Garcia (2005), a consciência histórica dá vida a uma concepção do curso do tempo:

Essa concepção molda os valores morais a um “corpo temporal”, transformando esses valores em “totalidade temporais” isso é, recupera a historicidade dos valores e a possibilidade de os sujeitos problematizarem a si próprios e procurarem respostas nas relações entre passado/presente/futuro. (GARCIA; SCHMIDT, 2005, p. 301).

Logo, responder os questionamentos presentes nesse trabalho é, além de trabalhar com o processo histórico, indagar e refletir sobre as metodologias para que esse processo seja trabalhado dentro das salas de aula. Os questionamentos referentes à plataforma podem trazer respostas sobre a importância de uma abordagem específica na sala de aula. Isso quer dizer que, quando se olha para algum material fazendo-lhe perguntas sobre seu tema, seu espaço e seu local de origem, de produção, de inserção, pode-se observar além do que está sendo mostrado e entender a importância de sua existência e de sua circulação social.

Relacionar os materiais apresentados com as ligações que fazem com outras áreas da sociedade é pensar historicamente. Esse saber não tem relação com memorizar fatos históricos, saber datas de eventos e nomes de figuras específicas, mas sim com o saber organizar, questionar e refletir frente aos acontecimentos atuais da sociedade, tal como fazer uma pesquisa que abarque todo contexto de um determinado fato. É necessário pensar além de uma vertente cronológica da História, pois sempre houve acontecimentos “acontecendo” de forma simultânea na sociedade e correlacionados com momentos anteriores ou presentes.

Para além disso, a consciência histórica diz respeito a não observar acontecimentos contemporâneos como isolados da sociedade, pois eles advêm de diversas relações anteriores já constituídas pelos agentes da história. É importante suscitar também que se coloca necessário fazer um exercício de olhar para o Museu Virtual a partir do campo da História Social, observando as relações que os materiais fazem entre si e com outros, as culturas colocadas ali, os relatos de experiências dos envolvidos. Sobre a produção historiográfica dos historiadores da História Social, Karine Marins Amaral Cruz coloca que:

Na década de 1980, através de uma reavaliação da esquerda, tanto em termos históricos, com o questionamento ao leninismo e à concepção de partido de vanguarda, quando à produção historiográfica que se situava na contramão dos processos e grupos dominantes, os historiadores da História Social

encaminharam as discussões no sentido de compreender que a história não se processa pela atuação de partidos e de lideranças políticas, ou seja, que não são os grandes nome, quer da história oficial dominante ou da esquerda, que fazem a história. Esta é constituída por homens e mulheres comuns que vivem suas experiências de luta pela sobrevivência cotidiana, os quais são portadores de sonhos, anseios, valores, necessidades, memórias e modos de vida específicos, que tem nos remetido a pensar criticamente sobre cultura” (CRUZ, 2013, p. 41).

Levar para dentro das salas de aula a concepção de “homens e mulheres comuns” é necessário. O Museu Virtual, apesar de ter materiais voltados a figuras públicas conhecidas, também disponibiliza espaço para pessoas anônimas. Entre entrevistas, fotografias e jornais, há histórias ligadas ao cotidiano dessas pessoas que podem ser pesquisadas e estimular o enriquecimento de uma formação e o aprimoramento do processo histórico dentro das escolas. Como foi colocado no capítulo anterior, um dos materiais mais usados para estudo são os livros didáticos, que contêm materiais dos grandes fatos. Contudo, deve-se levar em consideração que um mesmo tema pode ser visto de diferentes perspectivas, inclusive de histórias que usualmente não aparecem no ensino tradicional dos livros didáticos.

A abordagem escolhida pelos historiadores da História Social articula-se com uma escolha política a partir da visualização de grupos dominantes e da desigualdade social presente na sociedade. Utilizar dessa perspectiva é importante então para quebrar um ciclo de olhar para história a partir dessas classes dominantes e da desigualdade, ocultando outras pessoas que também são importantes para a história. As pessoas não conhecidas que são encontradas nos materiais do Museu Virtual têm suas vidas diretamente relacionadas com a história de Uberlândia, e são importantes para a cidade. Os sujeitos “ocultos” participam ativamente da história, e, ademais, são sujeitos de suas próprias histórias. Sobre a relação entre História Social e política, Karine Cruz escreve:

Tal opção é, antes de qualquer coisa, um posicionamento social e político, uma vez que a definição e escolha pelos grupos sociais populares não se desenvolve simplesmente pelo apreço e predileção pelas ações dos trabalhadores, das mulheres, dos negros, enfim, dos que de alguma forma foram excluídos socialmente, mas, sobretudo, pelas relações que os colocam em conflitos e disputas com os grupos dominantes, os quais criaram condições históricas de dominação e desigualdade social. (CRUZ, 2013, p. 43).

Na plataforma digital do Museu Virtual Uberlândia de Ontem & Sempre encontramos muitas histórias contadas e relatos de memórias vividas. Ao olhar para essas memórias e seus

sujeitos, deve-se ter uma postura de primeiro considerar toda pessoa como sujeito histórico e de questionar as relações e os objetivos do conteúdo apresentado.

Mas, enfim, qual a importância de preservar o material disponível no Museu Virtual? Os museus são importantes para preservação de uma história e da cultura de um povo e de um local. Quando um material se apaga, por exemplo, é uma perda grande para sociedade, que não vai ter acesso às memórias colecionadas ali. É importante ressaltar que houve diversas vezes tentativas feitas pelo ser humano, ao longo das décadas, de apagar diversas memórias, e essa atitude, de tentar “apagar uma história”, também tem seus objetivos que podem ser sobre gerar o esquecimento de determinada cultura, legitimar outra vertente da história, entre outros. Conforme Studart (2007), os museus são locais de observação, interação e reflexões, que contém várias histórias de outras épocas, evocando povos e civilizações antigas com suas específicas maneiras de viver e pensar e também do mundo contemporâneo, com novas descobertas e expressões artísticas e culturais. Percebe-se, então, que os locais de preservação das memórias são importantes para a sociedade e podem fazer parte também do processo de aprendizagem dos alunos.

Os materiais disponibilizados no Museu Virtual têm suas distinções no modo de apresentação. O Museu quase sempre disponibiliza um pequeno texto relacionado com os vídeos e os conteúdos que vão ser apresentados, e a maioria dos materiais são datados. Isso quer dizer que, ao adentrar um conteúdo ou até mesmo ao acessar uma fotografia, pode-se ler um “resumo” do que é apresentado, se o material pertence a alguma coleção específica e quem o produziu. É nítida a preocupação do Museu em não deixar materiais “soltos” na plataforma, ou seja, sem nenhuma explicação sobre o que está sendo tratado ali e de onde advém tal material. Essa preocupação é válida e ajuda pesquisadores e professores a localizarem materiais específicos, e também a abrir o leque de percepção para fazer questionamentos voltados já ao local de produção e ao contexto do material, por exemplo.

Imagem 23 – Seção Fotos do Museu Virtual *Uberlândia de Ontem & Sempre*.

Home > Fotos > Antigo desfile de escola de samba

Antigo desfile de escola de samba6109

📅 24 DE FEVEREIRO DE 2017 🗨️ 0



Um antigo desfile de escola de samba em Uberlândia, sem data definida.

A foto é da Coleção João Quituba, recuperada, digitalizada e organizada pelo Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas e Artes da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/antigo-desfile-de-escola-de-samba/>

A plataforma traz uma perspectiva de contar a história das pessoas da cidade de Uberlândia. Dessa forma, possibilita que os entrevistados compartilhem suas histórias, e, na maioria dessas histórias, há um locutor informando sobre o percurso da pessoa. As histórias contadas chegam a lembrar um bate-papo, com um formato envolvente e atrativo para o assunto tratado. Há também os questionamentos feitos pelos entrevistadores, e esses questionamentos são diretos em relação ao assunto que está sendo tratado. Além das respostas sobre o que foi perguntado, o entrevistado pode relembrar também situações que são emocionantes para ele, falando sobre como as memórias do que está falando é importante e remete a sensações – boas ou ruins.

Com isso, o Museu Virtual demonstra a preocupação em referenciar o local de origem de seus materiais. Apesar de a apresentação sobre os materiais ser breve e descritiva, é notável a preocupação em organizar e separar os assuntos. Os passeios virtuais contêm materiais agrupados por temáticas, como já mencionado anteriormente. Vê-se quatro temáticas de passeios: sala Reclames do Rádio, sala Carnaval de Rua, sala Jornal Correio, sala Liceu de Uberlândia. Ao pensarmos quem são os grupos aos quais foram dedicados os “passeios virtuais”, percebemos uma abordagem diferente para cada um, apesar de não ficarem fora do padrão de descrição inicial organizada pelo Museu em forma textual.

A sala Reclames do Rádio traz uma contextualização, feita inicialmente pelos apresentadores, sobre o tema que será tratado e a importância de falar sobre ele. Desenvolve-se enquanto um movimento interessante de trazer profissionais que pesquisam sobre rádio para falar a partir de uma perspectiva mais acadêmica. Essa sala tem uma abordagem mais didática e explicativa, além de contar com uma produção mais elaborada e que aparenta ter sido organizada com antecedência.

A sala Carnaval de Rua conta com imagens e vídeos, contendo suas respectivas descrições. A disposição do material é mais informal, com um diálogo que, contudo, obedece a uma linha temática do espaço para histórias lembradas na hora. Nessa sala, há vídeos com a presença da mediação de entrevistadores, e há outros em que não se vê essa mediação. Outra característica é um espaço para a amostra cultural – como, por exemplo, as músicas das escolas de samba – e um espaço para vídeos de entrevistas mais curtas.

A sala do Jornal Correio também dispõe de imagens e vídeos, com entrevistas realizadas de modo mais profissional – com uma produção mais elaborada –, e com maior duração, em vídeos que são divididos em duas partes. Nessas entrevistas, o entrevistador é Celso Machado.

Por fim, temos a sala Liceu de Uberlândia, que conta com professores da escola discorrendo a respeito de suas experiências estudantis e outros assuntos, quando contam histórias que viveram e relacionam a importância de alguns feitos para a sociedade. Esse é um dos espaços onde se pode perceber a tentativa de dar voz a grupos que nem sempre ouvidos.

Ao decidir utilizar os materiais do Museu na sala de aula, o professor deve ter um olhar atento a como apresentar esses materiais. Ele está lidando com diversas fontes, compreendidas em um intervalo do tempo bastante amplo, que contam com abordagens diferentes – devemos levar em conta que os materiais podem ser produzidos por produtoras distintas, o que impacta na forma de organização dos vídeos, por exemplo. Logo, ele não pode acessar o conteúdo apenas “apreciando”, mas é necessário que o faça com a elaboração de questões, buscando estabelecer relações com o tema de sua proposta de aula.

Mas, afinal, ao utilizar esses materiais e documentos disponíveis no Museu Virtual na sala de aula, qual abordagem deve ser tomada? É aconselhável fazer com que o aluno se sinta como um “mini historiador”? Bittencourt (2008) ressalta que muitos professores utilizam documentos nas salas de aula pois acreditam que eles são um instrumento pedagógico eficiente, que possibilita contato com o “real”, com as situações concretas de um passado abstrato. Com isso, a autora defende que o professor precisa atentar para alguns cuidados no trabalho com fontes na sala de aula, pois o historiador já olha para o material partindo de referências e objetivos diferentes ao de uma situação na sala de aula.

Um documento pode ser usado simplesmente como ilustração, para servir como instrumento de reforço de uma ideia expressa na aula pelo professor ou pelo texto do livro didático. Pode também servir como fonte de informação, explicitando uma situação histórica, reforçando a ação de determinados sujeitos, etc, ou pode servir ainda para introduzir o tema de estudo, assumindo neste caso a condição de situação-problema, para que o aluno identifique o objeto de estudo ou o tema histórico a ser pesquisado. Dessa forma, os objetivos do uso de documentos são bastante diversos para o professor e para o historiador. [...] Um desafio para o professor é exatamente ter critérios para a seleção desse recurso.(BITTENCOURT, 2004, p. 330).

Bittencourt (2004) destaca a diferença de abordagem do material a depender do local e da finalidade de uso. Alguns estudos sobre ensino de história trazem propostas de trabalho em sala de aula a partir de materiais. Imagens diversas, vídeos e documentos não reproduzem por si só uma realidade única e certa, há uma construção por trás que deve ser levada em consideração. Sobre a utilização desses materiais para o ensino, Bittencourt (2004) ressalta que a imagem, por exemplo, não ilustra nem reproduz a realidade, ela a constrói a partir de uma linguagem própria que é produzida em um contexto histórico.

Ao visitar um museu físico, alguns pontos que antecedem a visita devem ser levantados. O exercício de utilizar práticas museológicas para o processo de aprendizagem não se reduz a apenas mostrar para os alunos o museu, como uma forma de visita sem objetivos definidos previamente, com o plano de aula. Adriana Almeida e Camilo Vasconcellos (2004) levantam alguns pontos que devem ser pensados para uma visita física:

Definir os objetivos da visita; Selecionar o museu mais apropriado para o tema a ser trabalhado; Visitar a instituição antecipadamente até alcançar uma familiaridade com o espaço a ser trabalhado; Verificar atividades educativas oferecidas pelo museu, se se adequam aos objetivos propostos e adaptá-las; Preparar os alunos para a visita através de exercícios de observação, estudo de conteúdos e conceitos, Elaborar formas de dar continuidade a visita quando voltar a sala de aula. (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2004, p.114).

Esses pontos, apesar de, a princípio, terem sido pensados para uma visita física a um museu, não podem estar fora do planejamento do professor para trabalhar com o um museu *online* também. É preciso ter escrito qual o objetivo da visita *online*, escolher os materiais que são mais apropriados para o tema em discussão, conhecer a plataforma *online* antecipadamente, observar se existe alguma atividade *online* oferecida pelo próprio museu, situar o aluno antes de iniciar a visita *online*.

Reitero que, para o planejamento de todos os tópicos citados acima, o plano de aula é uma ferramenta importante para o professor, pois, além de respaldar em caso de imprevistos, define de forma clara e objetiva qual a intenção da aula. O Museu Virtual Uberlândia de Ontem & Sempre é uma ferramenta que contém diversos materiais que podem propiciar um trabalho conjunto entre professor e aluno, onde ambos conseguirão desenvolver e aperfeiçoar seus saberes. Finalizo com a frase de Silva e Fonseca (2010): “Professores e alunos fazem história!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa pesquisa possibilitou uma discussão sobre a importância dos museus na sociedade e usabilidade do Museu Virtual de Uberlândia para o seu público, que é diverso. Para a utilização da plataforma online – Museu Virtual de Uberlândia, Uberlândia de Ontem & Sempre – como fonte de pesquisa nesse trabalho, foi preciso contextualizar a história do museu digital, perpassando sobre a importância do projeto Uberlândia de Ontem & Sempre, que é constituída pelo programa de TV, almanaque e museu virtual, fundado por Celso Machado. Dessa forma, pudemos observar que o acervo foi criado antes da fundação do Museu.

Durante a história do projeto diversas empresas patrocinadoras trabalharam em conjunto com os organizadores. Para a digitalização e disponibilização dos materiais na plataforma digital, esses patrocinadores tiveram um papel importante, pois garantem mais visibilidade e podem ajudar com os custos, contudo é preciso refletir sobre as intenções das empresas ao patrocinarem o projeto, uma vez que toda relação tem um objetivo para ambas as partes. Outro fator importante para funcionamento do Museu é o apoio da própria Prefeitura de Uberlândia, juntamente com a Lei Estadual de Incentivo à Cultura (LEIC) e o Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC), que visam disponibilizar fomentos monetários para investimento de projetos culturais e atrair novos financiadores.

Como dito anteriormente, a plataforma é fonte principal dessa pesquisa, e ela contém diversos materiais que foram analisados de forma conjunta e separada. A partir dessa análise foi demonstrado como o *site* dispõe do seu material e como utilizar de forma satisfatória esses materiais. As diversas imagens, vídeos e revistas preenchem um grande acervo constituídos por uma descrição pequena de cada material e que ano ele foi registrado, além disso os organizadores do Museu têm a preocupação de oferecer uma plataforma que seja de fácil manuseamento e intuitiva.

Pesquisar sobre museus requer bastante cautela, pois são lugares que por si só despertam uma curiosidade de saber, que tem relação com as nossas emoções. Marcos Silva (2003) coloca que os prédios de museus foram feitos para seduzir com suas referências estilísticas. Quando pensamos sobre o museu virtual também podemos observar que eles denotam dessa características. Por isso é importante, nas visitas físicas e digitais pensar nos materiais e objetos

colocados ali a partir de problemáticas levantadas, pois dessa forma é possível fazer uma reflexão sobre o material e não apenas se deslumbrar com o conteúdo.

O tema proposto nesse trabalho faz muitas relações com outras temáticas discutidas dentro e fora da academia, como por exemplo a utilização dos museus junto a educação, reflexões sobre memória e história e também questionamentos sobre o uso de plataformas digitais, que vem sendo cada vez mais utilizadas. Por conta da pandemia Covid-19 houve um crescimento no uso de plataformas online com finalidades educacionais. Portanto, essa pesquisa se propôs a pensar também sobre o acesso à internet em um país com uma desigualdade social acentuada, sendo assim, apesar da crescente utilização de materiais digitais no país, ainda há um percentual grande de crianças e adolescentes que não conseguem ter acesso a esses materiais.

Uma situação que acontece de forma recorrente é o professor levar materiais do museu virtual para serem usados dentro da sala de aula, por exemplo. Tal possibilidade também encontra empecilhos – que estão também relacionados com a desigualdade social – quando observamos as estruturas das escolas, e se elas estão aptas para oferecer que esses materiais sejam apresentados. Uma realidade atual dos professores é a utilização dos seus próprios materiais na sala de aula para uso de diferentes materiais, contudo não é o ideal.

Reitero que esse trabalho foi produzido durante a pandemia Covid-19, sendo assim o material utilizado foi encontrado totalmente na internet. Portanto, não foi possível visitar e fazer um levantamento de como é o local onde ficam guardadas as memórias físicas do Museu Virtual, apesar de que antes da pandemia havia a possibilidade de visita, pois algumas pessoas se interessam por observar de perto o processo de disponibilização dos materiais no acervo digital. O acervo do Museu conta com uma sede na cidade de Uberlândia-MG – essa sede não expõe os materiais como em um museu, ele é formado por discos e imagens guardadas, por exemplo – mas é um projeto pensado com a finalidade de ser totalmente online.

Preservar memórias é muito importante para toda sociedade. Pela pluralidade de materiais que conseguimos encontrar no Museu Virtual, é imprescindível que ao trabalhar com eles em sala de aula, o professor organize e crie um plano de aula que mapeie todos os objetivos que ele tem ao utilizar o material. Isso porque, diferente da situação quando visitamos o museu sem finalidades escolares – que somos “livres” para navegar pelos temas que queremos, aonde nossa curiosidade nos leve – dentro da sala de aula temos um tema que deve ser debatido e os materiais devem servir para trazer questões, reflexões, e relacionamentos com o contexto.

Trabalhar a relação entre museu e educação é um tema bastante amplo e que dá lugar a várias possibilidades. Precisamos compreender o contexto em que o museu foi criado e como

durante os anos ele foi se transformando – inclusive em seus objetivos – e a educação, tema que sempre foi muito recorrente nas vertentes historiográficas e que teve inúmeras mudanças, pois é um ambiente bastante influente onde há diferentes grupos querendo domina-lo. Logo, as questões tratadas no decorrer desse trabalho deixam abertas possibilidades de aprofundamento do tema, além de reflexões acerca das outras relações que a mesma temática proporciona. Espero que ele tenha apresentado parte do que é o projeto Uberlândia de Ontem & Sempre e o Museu Virtual, e que as relações colocadas aqui possam ter proporcionado uma reflexão acerca da usabilidade do museu virtual para construção do aprendizado em História.

FONTES

Plataformas Digitais

CLOSE Comunicações. Disponível em: <http://close.com.br/close-comunicacao-2/> . Acesso em: 1 mar. 2022.

MUSEU Virtual Uberlândia de ontem & Sempre. Disponível em: <http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/>. Acesso em: 1 mar. 2022.

UBERLÂNDIA de ontem & Sempre. Disponível em: <https://www.uberlandiadeontemesempre.com.br/>. Acesso em: 1 mar. 2022.

Leis municipais consultadas

MINAS Gerais. Lei n. 22.944, de 15 de janeiro de 2018. Lei Estadual de Incentivo à Cultura (LEIC) de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.secult.mg.gov.br/documentos/lei-estadual-de-incentivo-a-cultura-leic>. Acesso em: 1 mar. 2022.

UBERLÂNDIA. Lei Municipal n. 12.797, de 2 de outubro de 2017. Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC). Disponível em <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/pmic/o-que-e-pmic/>. Acesso em: 1 mar. 2022.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Adriana Mortara. Os visitantes do Museu Paulista: um estudo comparativo com os visitantes da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 269-306, dez. 2004

ARROYO, Miguel G. *A reconfiguração da escola: entre a negação e a afirmação de direitos*. Campinas: Papirus, 2009.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BITTENCOURT, Circe. Maria Fernandes. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 69-90.

BITTER, Daniel. Museu como lugar de pesquisa. O museu como espaço de pesquisa e produção de conhecimento. *Salto para o futuro*, Brasília, n. 3, p. 22-29, maio 2009.

BRITES, Olga; PEREIRA, Mirna Busse. Oficina de história: ensino, memória e patrimônio histórico. *Projeto História*, São Paulo, n. 40, p. 333-356, jun. 2010.

CABRINI, Conceição, PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha et ali. *O ensino de história: revisão urgente*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: EDUC, 2005. p. 31-44.

CHAUÍ, Marilena. O que comemorar? *Projeto História*, São Paulo, n. 20, p. 35-62, abr. 2000.

CHESNEAUX, Jean. A história como relação ativa com o passado. In: CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tabula rasa do passado?* São Paulo: Ática, 1995. p. 21-27.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário C. Discutindo a memória, ensinando a história: uma experiência de educação continuada na PUC-SP. *Projeto História*. São Paulo, n. 17, p. 415-428, ago. 1998.

CRUZ, Karine Marins Amaral. Memória empresarial e memória sindical: movimentos hegemônicos e contra hegemônicos de um campo em disputa (1980-2013). 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

ESCOLA sem Partido: Professores da Faculdade de Educação da USP comentam o projeto “Escola sem Partido”. In: SÃO PAULO (Estado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, s/d. Disponível em: <http://www4.fe.usp.br/escola-sem-partido>. Acesso em: 12 dez. 2021.

FALCÃO, Andrea. Museu e escola: educação formal e não-formal. *Salto para o futuro*, Brasília, n. 3, p. 5-10, maio 2009.

FALCAO, Andrea. Museu como lugar de Memória. *Salto para o futuro*, Brasília, n. 3, p. 10-21, maio 2009.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2004.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino de história e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 139-157, 24 set. 2007.

FREITAS, Sheille Soares de. *Por falar em culturas... : histórias que marcam a cidade*. Uberlândia-MG. 2009. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

GUIMARÃES, Selva Fonseca. Projetos de trabalho na prática pedagógica. In: GUIMARÃES, Selva Fonseca. *Fazer e ensinar história: anos iniciais do Ensino Fundamental*. Belo Horizonte: Dimensão, 2009. p. 139-171.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1984.

LARA, Silvia Hunold. História, memória e museu. *Revista do Arquivo Municipal*. Memória e ação cultural. São Paulo, n. 200, p. 99-111, 1991.

MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. In: SILVA, Marcos A. da. (Org.) *Repensando a história*. 6. ed. São Paulo: Marco Zero, s/d. p. 37-64.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo, DPH, 1992. p. 25-28.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a história no ensino fundamental como e por que aprender/ensinar história. *História & Perspectivas*, Uberlândia, v. 1, n. 53, p. 37-70, jan./jun. 2015.

SILVA, Marcos. *Ensino de história e novas tecnologias*. Universidade Federal de Sergipe, 2012. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/historia_artigos/2silva_artigo.pdf. Acesso em: 16 mar. 2022.

STUDART, Denise Coelho. Museus: emoção e aprendizagem. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, p. 82-85, jul. 2007.